ILUSTRAÇÃO

N.º 317 — 14.º ano

O sr. Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar, à janela do gabinete do Subsecretário das Corporações, quando, ao microfone, falou perante a formidável manifestação que lhe foi prestada em 27 de Fevereiro

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

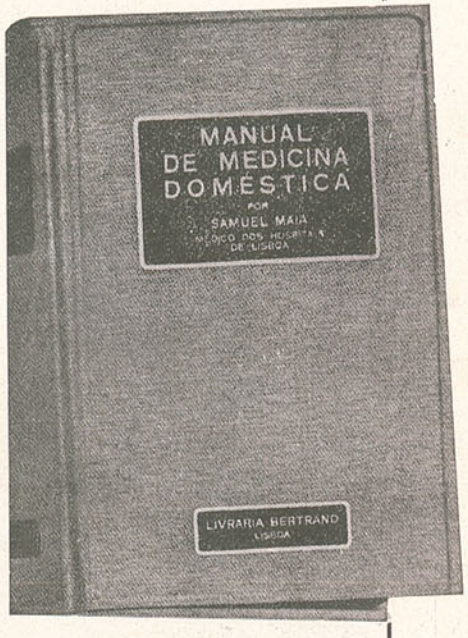
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica,** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre,** qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente,** recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dôres de origem artritica

Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

ILUSTRAÇÃO
Director: ARTHUR BRANDÃO
Editor: José Júlio da Fonseca
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Administração: Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A mais bela revista feminina que se publica tôdas as semanas

Leitura captivante e educadora - Aspecto interessante e atraente - Sumários variados e tentadores

Páginas magníficas sôbre: **Família e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

ROMANCES — NOVELAS — CARTAS

NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES

FIGURINOS E MODELOS das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna

Cada número de 60 páginas, com uma artística capa a côres, **Esc. 3$00**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 17$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado ..... 15$00
Pelo correio à cobrança ..... 16$50

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 368 págs., broc., Esc. 15$00; *enc.,* Esc. 20$00
Pelo correio, à cobrança, mais 1$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocardio
O sindroma de Adams-Stokes

PELO DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 03 1913 sob o N° 28

RHEUMATISMO-GOTA
NEVRALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

GRAVADORES
IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

1-MARÇO-1939
N.º 317 — 14.º ANO

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — LISBOA

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A ELEIÇÃO DO NOVO PAPA

AGORA, que está sendo eleito o novo Papa, todo o Mundo se preocupa em saber qual será o seu sucessor.

Tudo leve a crer que o novo Pontífice será italiano. Resta saber se não pertencerá a qualquer ordem religiosa e não terá sido diplomata. Não se acredita muito na possibilidade do Cardial Pacelli que nunca ocultou as suas simpatias pela França. Afirma-se mesmo que bastaria o facto de haver sido secretário de Estado, para ser excluído. Acêrca do Cardial Pietro Boeto, arcebispo de Génova, que é jesuita, não será também favorável o Conclave.

O Cardial Della Costa, arcebispo de Florença, é o candidato da simpatia de Mussolini. Este seria um pontífice em harmonia com a profecia de S. Malaquias: «um evangelista que só se entregasse à fé».

A Igreja é internacional: a «Internacional Branca». Os sacerdotes que vivem no âmbito de Roma são, acima de tudo, internacionais. Os interêsses da Igreja sobrelevam os dos vários países, pois ainda não se viu um cardial colocar a pátria acima do Estado Romano.

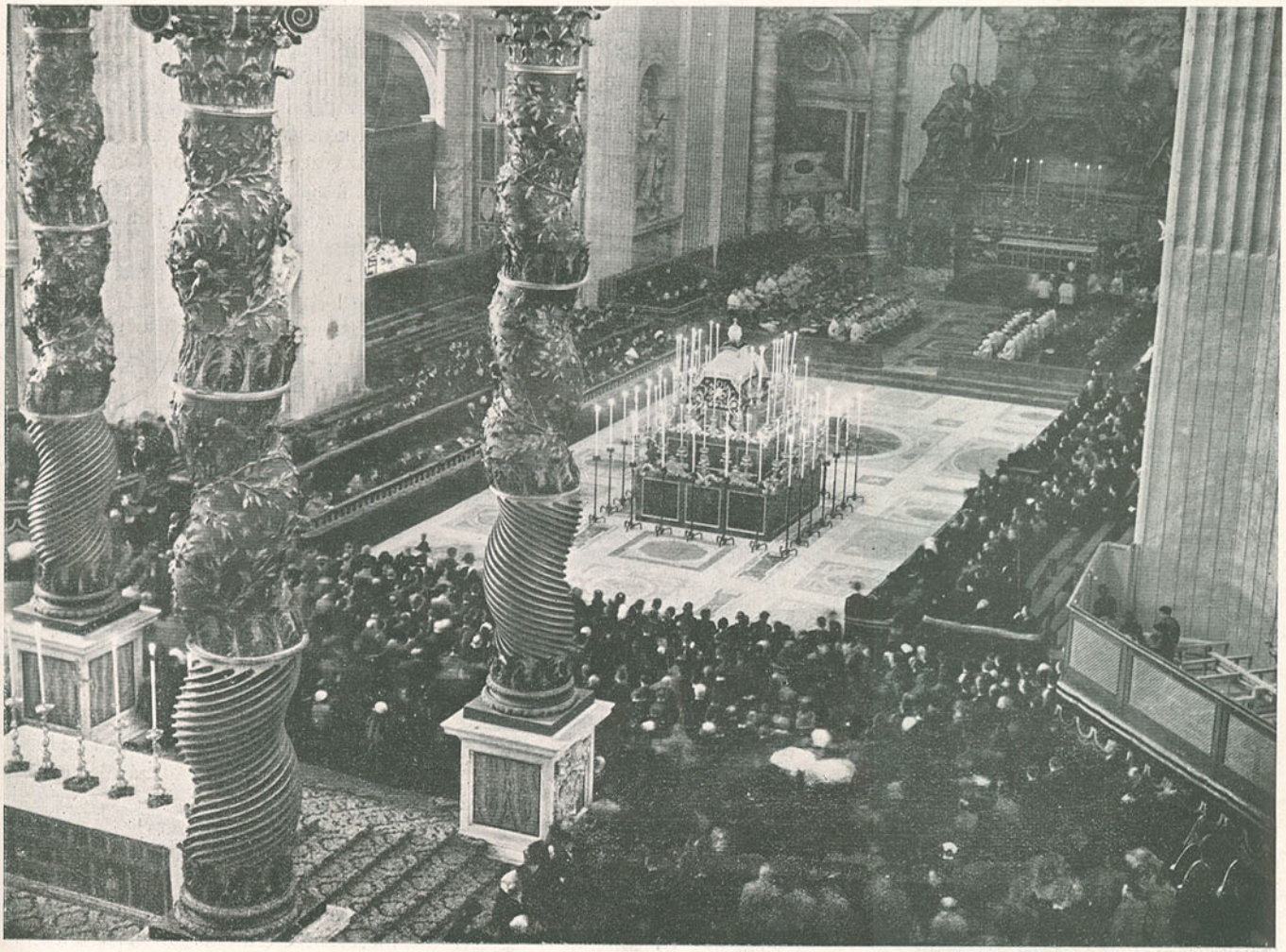
Mais do que nunca a Igreja precisa de defesa e não de um pontífice anodino, entregue à oração, deixando correr os negócios políticos à vontade dos vários Govêrnos. Amanhã perseguiam os católicos e o papa limitar-se-ia a rezar, sem o menor protesto, não dando a mais singela indicação. De olhos no céu, contemplativamente, os católicos aguardariam perseguições idênticas às sofridas pelos judeus em todos os tempos. Nessa hora começaria o esfacelamento da Igreja. Desde que o Pastor só lamentasse a degolação do rebanho, as ovelhas escapas à chacina descreriam dêle e dos seus vassalos. Começaria o cisma; os povos, que têm necessidades espirituais, procurariam nacionalizar as suas Igrejas. Ai do pontificado!

O papa que seguir a norma do grande Pio XI, será tão grande como êle e, defendendo por todos os modos, dentro da consciência católica, todos os escravizados, cumprirá a sua missão. Realmente, a Igreja deve confinar-se nas doutrinas espirituais, conduzir as almas, não se preocupar com as questões políticas. É êste o espírito puramente cristão, mas jamais os pontífices o seguiram dentro dessa doutrina, tôda de alma. E não o podiam arvorar, adoptar e impor porque espalhados pelo Mundo houve, há e haverá milhões de católicos, que não podem ser abandonados do seu pastor-mór.

Por isso todo o mundo está de olhos postos no Conclave que deve eleger dentro de poucas horas o novo Papa.

Pio XI surgiu na hora própria, conseguindo realizar o que não foi possivel ao grande diplomata Leão XIII.

Além de fazer triunfar a Igreja na Questão Romana, desagravou Pio IX.



As cerimónias fúnebres na Basílica de S. Pedro em Roma

A tia Aniceta, a pobre tia Aniceta, tão honrada, tão trabalhadora, tão feliz até então, não se podia resignar àquele golpe de tremenda fatalidade que assim de chofre a feria, e dos seus olhos, pobres olhos cansados, as lágrimas rolavam, sem fim, como em dias de chuva os beirais das casas gotejam água sem cessar.

O marido, desesperado, sentindo em cada soluço da mulher uma dor mais funda cavar-lhe o abismo de sofrimento que o aterrava, fingia arranco denodado a provar indiferença.

— Irra, mulher! Não "bonda„ chorar por quem não vale um cabelo dêstes...

E puxava, num gesto sacudido, um cabelo branco, que torcia fortemente.

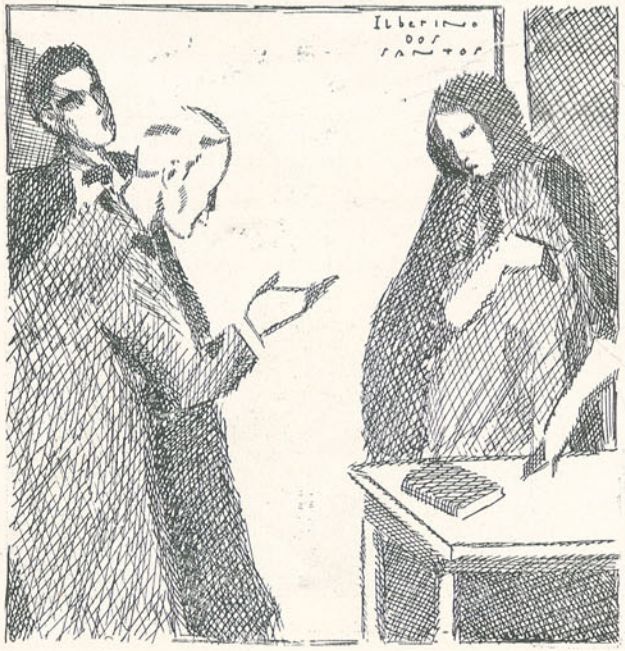
Aniceta rompeu em pranto mais sentido, mais despedaçado, e as mãos alçaram-se-lhe num sublime gesto de prece.

— Ó "mê home...„. Isso é verdade! Mas tu "nan„ vês que êle sempre é filho?!

— Filho?!... Filho?! — interrompeu-a o velho, furibundo, apoplético, a face tôda rôxa sob a barba grisalha — Filho, aquele mariola? Não me chames filho àquele trastalhão, que eu "inté„ arrebento de vergonha? Filho!?... Ai, minha alma que te partes de dôr!

E num chôro desabalado — que é sempre vendaval desfeito a dor em peito de homem — atirando os punhos para os olhos, Manuel soluçando, gemia:

— Má sorte a nossa, mulher! Má sorte! Tantos anos de canseiras... para isto!



O SACRIFÍCIO DAS ARRECADAS

Mulher e marido, abraçados, juntavam os seus ais, choravam as mesmas lágrimas... Porque havia o filho, o Francisco, de ter dado semelhante cabeçada?

Conselhos daninhos ouvira com certeza, más companhias o tinham desviado do caminho honesto que sempre lhe fôra indicado pelos pais...

Maldita a hora em que o rapaz abalara para Lisboa! Tinha sido a perdição dêle.

Uma vez na capital, desempregado, o Francisco não fazia senão mandar pedir dinheiro ao pai. Até que, um dia, o velho Manuel, com a "burra„ meio-esvaziada, decidiu-se a fazer parar tão grande desafôro. E escrevera-lhe:

— Não mando mais...

Como resposta, veio uma notícia que os encheu de contentamento.

Francisco anunciava que se tinha empregado num escritório, onde lhe pagavam bem.

Mas, um dia, Francisco deixara de escrever.

Informes só os tinham pelo compadre Afonso, quando ia receber o Montepio. E dava-lhes que pensar!

O rapaz levava existência de príncipe, vivia no estadão.

Às vezes, quando o Afonso torcia o nariz àquelas despezas estranhas, o Manuel saía em defesa do filho, calando os sobressaltos do coração.

— Deixa lá o rapaz gastar... Se êle o tem!

Mas, um dia, o Afonso não se pôde calar. Olhou firme o camponês honrado e chão, e disse-lhe:

— Olha, Manuel, às vezes gasta-se mais do que se pode. Lisboa é uma terra de dinheiro e de tentações... O teu rapaz anda metido com mulheres!... Devias chamá-lo para cá!

Mas Aniceta, enquanto uma ruga se cavava na fronte do marido, intervinha, enfadada:

— "Nán„ diga isso, compadre... O Francisco é feliz em Lisboa, que Deus o tenha por lá. Ele é ajuizado! "Nan„ são precisos medos!

E o compadre, fitando essa face lavada e fresca como roupa sem mácula, rematou:

— Deus o queira!

Mas, Deus não quizera!

O Francisco era um ladrão!

Roubara! E roubara, para quê?

Para manter e custear a vida duma mulher sem escrúpulos, duma mulher que fizera dele um farrapo, uma coisa indigna, um número...

O Francisco era um ladrão!

E o velho Manuel, a relembrá-lo em cada instante, sentia o coração despedaçar-se em loucas convulsões, num abismo de sofrimento.

A mãe, chorando, beijava piedosamente um crucifixo.

— Meu Deus! Dá-me o meu filho!

.....

Quando a tia Aniceta entrou na prisão, julgou morrer.

Era o seu filho — o seu filho! — aquêle homem esquálido e lívido, de olhos pisados, de mãos crispadas, que lhe aparecia através de grades de ferro, separado dos seus beijos, dos seus afectos? Como o podia acreditar?

Essa voz, a voz que balbuciava palavras de arrependimento era a mesma de outrora, ao dizer-lhe:

— Mãe... minha mãe...

E a pobre velhota ajoelhando-se, metendo os braços pelas grades, para trazer junto de si essa cabeça adorada que queria beijar, afagar, soluçava, confrangida, não conseguindo mais do que aproximar até os lábios os dedos esguios de Francisco.

— Mãe! Para que veio?

— Filho da minha alma! Pois eu podia saber-te um "desinfeliz„ e não te vir "a consolar„?

— Ó mãe querida! Eu sou tão culpado!

— Mas "nan„ deixas por isso de ser o "mê„ filho!

Francisco soluçava! A sua indignidade aparecia-lhe maior, junto dêsse amor puro que saltara por cima de tudo para lhe vir trazer a suprema comoção, junto dessa alma cândida como a duma criança.

— Mãe — murmurou, por fim — e o meu pai?

— O "tê„ pai mata-se com o desgosto! "Nan„ queria que eu viesse!

— E tinha razão, mãe! Eu já não mereço o vosso carinho!

— Cala-te! Escuta... — e colando a bôca à grade, baixinho, para que os guardas atentos a essa cena comovedora, não ouvissem a confidência — Ele está a vender terras, para arranjar dinheiro... Quere pagar a tua dívida...

Francisco ergueu-se galvanizado pelo assombro. Cambaleou, passou a mão pelos olhos...

Aniceta, calada, examinava a enxovia onde êle estava prêso.

Paredes núas, o chão de pedra, o catre sem colchão, a bilha de água, já rachada... e fez um confronto rápido com o quarto branco, sempre de alvos lençóis na cama fôfa, o oratório iluminado, a janela aberta para os campos verdes...

O quarto que, sempre cheio de amor maternal, tinha preparado para o ingrato.

Não se conteve.

— Filho! Porque estás nêste quarto tão mau?

Francisco encolheu os ombros.

— Ladrões da minha laia não merecem outra coisa...

— Cala-te, cala-te! — gemeu a pobre velha — Tu matas-me!

— Perdôe-me, minha mãe! Mas... enlouquece-me saber o sacrifício que fazem por mim!

— Cala-te! — e tôda preocupada, ralada de aflição ao pensar no mal-estar que o filho devia sentir nêsse quarto pavoroso — Cala-te... Responde-me só! Aqui não há quartos melhores?

— Há sim, minha mãe! Mas são pagos!

Aniceta baixou a cabeça. Vagarosamente, levou as mãos às orelhas. Pendiam, vistosas e reluzentes, duas grossas arrecadas de oiro bom. Tinham sido o presente de casamento dado pelo marido!

A vèlhinha desprendeu-as. Duas lágrimas, mais de saudade do que de pesar, lhe deslizaram pelas rugas.

Era um sacrifício bendito!

Meteu-as na mão do filho.

— Toma lá! Isto deve chegar para pagares o quarto... até o teu pai te livrar...

Francisco nada respondeu.

Beijou-as com devoção, e guardou-as.

* * *

Francisco tinha já outra cara.

Parecia-se, com o mocetão córado e forte que há anos partira para a capital, a viver horas do demo.

O trabalho retemperara-o, purificara-o, lavara-lhe a alma de poluídos vis.

Até parecia mais novo!

E a tia Aniceta, ao vê-lo regressar das terras, o suor a correr-lhe em bica pela face tisnada, sorria enternecida.

E então, o Francisco, lançando-lhe os braços ao pescoço, preguntou-lhe.

— Mãe... Sabe que dia é hoje?

— Sei — respondeu a vèlhinha — Faz hoje trinta e três anos que eu fui "arrecebida„ pelo teu pai...

— Pois trago-lhe um presente!

— Um presente? Tu? — murmurou, inquieta, a pobre mãe.

— Sim, eu!!!

E o Francisco, triunfante, depôs nas mãos trémulas da mãe uma caixinha.

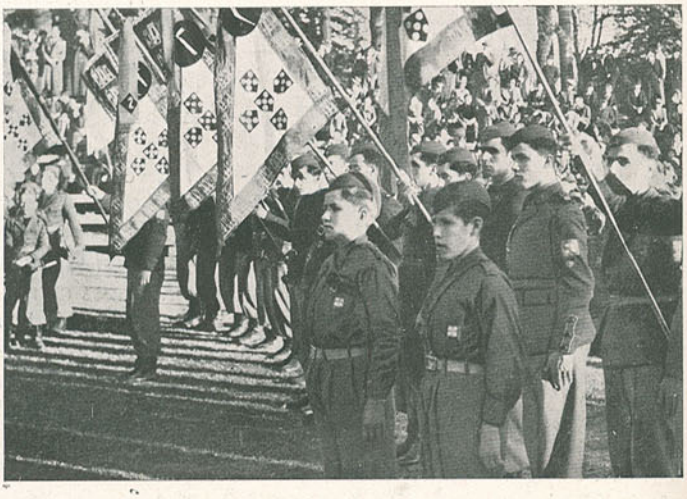
Debaixo dos olhares do marido que acorrera, bastante curioso, ela abriu-a. E um grande grito, um grito de coração feliz lhe fugiu dos lábios.

Eram as suas arrecadas!

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Em cima, à esquerda: A largada do submarino português «Golfinho» que partiu para o seu cruzeiro africano à Madeira, Selvagens, Cabo Verde e Guiné. Esta prova é a primeira que uma unidade submersível portuguesa efectua. *Ao centro, à esquerda:* O sr. almirante Mata e Oliveira, major general da Armada, com a oficialidade do aviso «Gonçalo Velho» no seu regresso de Macau. *À direita:* A cerimónia da distribuïção de condecorações de «mérito escolar» e «bom comportamento» aos filiados da «Mocidade Portuguesa», do Douro Litoral, no Palácio de Cristal, do Porto



Crianças da Sociedade «A Voz do Operário» em romagem ao monumento aos Mortos da Grande Guerra, por ocasião do 56.º aniversário daquela benemérita e popular colectividade

O CARNAVAL
E AS CRIANÇAS

A VIDA DE GANDHI — O SEMI-DEUS INDIANO

Gandhi falando ao povo hindú

I

GANDHI é, depois de Budha, o ente que atingiu a mais alta situação moral. Quando morrer será adorado como um deus.

Há quem julgue que a sua influência está no declínio, mas nada há de mais longe da verdade. É ainda hoje o indivíduo mais importante de tôda a Índia; há quem beije o caminho por onde êle passou. A sua individualidade é um verdadeiro enigma, que escapa à observação. É um santo e um político, cuja carreira se encontra muitas vezes em contradição com o seu carácter.

O uso de violência ou a desobediência civil estão longe dos seus princípios de chefe político; o latego moral é a arma de que se serve para obter resultados práticos e, no entanto, ao mesmo tempo que reprova os actos de violência, organiza ambulâncias para servirem em tempo de guerra. Pratica o jejum por razões de moral e por outro lado, por meio do jejum, obrigou o govêrno britânico a libertá-lo da cadeia. Mas Gandhi era na prisão um prêso, que podia livrar-se quando lhe apetecesse, porque ao govêrno não convinha tomar sôbre si o odioso da sua morte, enquanto estivesse retido. As contradições que na sua conduta se notam explicam-se em face da constância dos seus ideais. É a essência do facto que o interessa e não a forma. A sua vida inteira tem sido uma luta titânica contra a Grã-Bretanha, e hoje coopera com êste país sob a nova Constituição, porque crê que o seu objectivo, que é a independência da Índia, pode mais fàcilmente ser atingido pela cooperação do que pela oposição. Daqui resulta um paradoxo enorme entre o Gandhi, que tôda a vida lutou contra a Grã-Bretanha, e o de hoje, o melhor amigo dêsse país.

Gandhi na sua época de estudante em Londres

Ainda há, porém, outras contradições: a ciência moderna é um sacrilégio para êle e ao mesmo tempo serve-se do telefone, dos combóios e usa óculos.

Sem fazer parte do Congresso Indiano é, no entanto, a alma dêsse Congresso e o seu maior inspirador.

Tudo em que toca é religião, e àparte a sua crença na sua pátria, ninguém sabe ao certo qual seja a religião que êle segue. A instituïção da casta é a cidadela inexpugnável do Hinduísmo; nenhum ente humano pode transitar de uma casta para outra, seja qual fôr o processo adoptado. A instituïção da casta é tão antiga como a própria Índia e foi certamente inventada para manter a supremacia dos primeiros invasores arianos.

Há quatro castas principais: a primeira, a dos *Brahmans* ou sacerdotes e letrados; a segunda, a dos *Shatriyas* ou guerreiros; a terceira, a dos *Vaisyas* ou comerciantes e a esta pertence Gandhi, e em quarto lugar a dos *Sudras*, creados e servos, que são semi-escravos.

Os membros da terceira casta ainda hoje são, em quási tôda a sua totalidade, os lojistas de tôda a Índia, a-pesar-de que nas outras três castas tem havido infiltrações de misteres diferentes.

Caso curioso: quási todos os cozinheiros da Índia pertencem aos Brahmans, o que se explica porque são os da sua casta os únicos cujas mãos não profanam ou puluem a comida e a água em que tocam.

Por esta razão tôdas as famílias Brahmans, de alguns meios, os empregam.

Abaixo da quarta casta há aqueles em que se não pode tocar sem ficar poluto, que se vêem obrigados a exercer as últimas profissões, de varredores das ruas ou de limpa-latrinas. Dêstes últimos há na Índia 51 milhões de indivíduos para o total da população hindu de 238 milhões.

A situação dêsses infelizes é sem solução; assim nasceram e assim terão de se conservar até final. Não só sofrem da pobreza a que o destino os obriga, mas ainda são vítimas do desprêzo e repugnância da sociedade.

Há certas terras da Índia, em cujas escolas não é permitida a entrada aos filhos de tais pais. Não se podem servir da água do poço de que se servem os habitantes da aldeia ou relacionar-se por qualquer forma com êsses habitantes.

No sul da Índia o preconceito vai até ao ponto de poderem mesmo de longe poluir as outras castas; se encontram um Brahman na estrada, a sua obrigação é afastar-se para qualquer campo perto.

Há uma modalidade de entre estes desgraçados que polue, mesmo a distância, de forma que só de noite podem sair de casa.

Gandhi, o homem de espírito complicado, é um adepto intransigente do sistema de castas, mas, quanto a êsses desgraçados, preferia que o hinduismo desaparecesse do que manter nessa pobre gente, em quem se não pode tocar, os atributos de que os revestem.

A sua opinião é que se deveria constituir uma quinta casta com as suas prerogativas e obrigações.

A figura de Gandhi, pequena mas enérgica e ágil, representa uma vida repleta de heroísmo; vestido apenas de uma sarja ordinária, sentado à sua roda a dobar fio, pesando apenas 60 quilos, empreendeu uma luta contra o maior império, que jámais existiu — e quási o venceu.

Alguns dos seus amigos mais dedicados não estão de acôrdo com as suas últimas concessões à Inglaterra, mas a Índia inteira está a seu lado, como adepto incondicional. Governa o seu povo pelo amor; é o único ditador do mundo que não usa de outras armas.

A fotografia do herói encontra-se no altar de milhões de choupanas; se há na família uma criança doente depressa se restabelecerá se lhe mostrarem a fotografia do santo. O camponês anda léguas para o ver, apenas de passagem, no combóio, ainda mesmo que êste não pare na aldeia. O povo convence-se de que êle poderá executar milagres, quando lhe aprouver, e é o único homem na Índia, capaz, apenas por uma palavra ou pelo gesto de um dedo, de levar uma população de 350 milhões de almas — aproximadamente a quinta parte da raça humana — a adoptar mais uma vez a resistência civil.

Mohandas Karamchand Gandhi nasceu em Porbandar, pequeno estado primitivo na península de Kathiawar, a 2 de Outubro de 1869. Tem portanto 70 anos de idade. É filho de uma família distinta, cujo pai e avô fôram ambos *Dewans* ou seja presidentes de govêrno de pequenos principados. O pai, segundo as declarações de Gandhi, era um homem temerário, honesto e incorruptível, que casou quatro vezes, e o pequeno Gandhi foi o filho mais novo da quarta esposa. A mãi era muito devota; observava, com absoluto rigor, todos os jejuns e mais costumes hindus e exerceu sôbre o espírito do filho enorme influência.

Uma caricatura de Gandhi

O seu livro «*A história das minhas relações com a Verdade*» é a melhor fonte de informação a respeito da juventude de Gandhi. É uma obra de uma contextura muito especial. Descreve, com ingenuïdade, detalhes de uma intimidade tão pueril, que afugenta o leitor ocidental e no entanto através de todo o seu estilo transpira um verdadeiro pudor bíblico.

Ao cabo de 1090 páginas, o autor termina com estas palavras: «*Necessito de reduzir o meu sêr a um nada*».

A descripção que nos faz a respeito da mãe é digna de nota: "A impressão de minha mãe no meu espírito é de santidade. Era profundamente religiosa e nunca faltou ao cumprimento das *Chaturmas* — um meio jejum que dura quatro meses, durante o período das chuvas. Por ocasião de uma das chaturmas fez voto de que não provaria qualquer alimento sem ver o sol. Nesse período meus irmãos e eu punhamo-nos à espreita para ver quando surgiria o sol e ela corria à janela para contemplar o astro mas êste, muitas vezes já tinha desaparecido e minha mãe dispensava a refeição. "Não importa — exclamava rindo — Deus não quere que eu côma hoje". Um amigo de Gandhi disse-lhe uma vez que os indianos eram fracos porque não comiam carne e que os inglêses governam a Índia porque são carnivoros. E Gandhi, em segrêdo, decidiu provar da substância proíbida; comeu carne de cabrito e encheu-se de repugnância. Nessa noite teve um horrível pesadelo: dentro do seu estômago, havia uma cabra viva que balia com desespero pela liberdade. Um dia um amigo levou-o a casa de umas *pecadoras* e Gandhi, que tinha sido levado ali por surpreza, confessa que, naquele vale do pecado, ficára como surdo e cego. «Felizmente Deus salvou-me e fugi.» Em outra ocasião tentou-o o cigarro proíbido e fumou-o. Foi tal o remorso e arrependimento que, por pouco, se suicida; nunca na sua infância, diz êle, pronunciou uma mentira. Aos 13 anos casou; antes do casamento tinha estado noivo por três vezes, mas morreram as crianças, que lhe estavam destinadas para noivas. A esposa, de 10 anos de idade, foi escolhida de uma família visinha e casaram segundo o rito hindu. A respeito dêste casamento escreveu Gandhi: "Mal adivinhava eu então que um dia teria de censurar meu pai, a propósito do meu casamento! Nêsse dia tudo me pareceu agradável e em ordem; também eu me sentia ansioso por casar e logo que casei assumi imediatamente a autoridade de marido". A esposa, Kasturbai, era analfabeta e junta êle: "Quis ensiná-la a ler, mas as nossas entusiásticas expansões do amor ocupavam todo o nosso tempo e hoje Kasturbai, meio século mais tarde, mal póde ler e escrever".

"Se o meu amor tivesse permanecido absolutamente inocente, tenho a certeza que ela seria hoje uma mulher instruida; porque então fàcilmente teria conseguido vencer a sua aversão ao estudo".

Quando Gandhi tinha 15 anos Kasturbai deu-lhe o seu primeiro filho, que faleceu. Por essa época faleceu também o pai de Gandhi, falecimento que lhe causou grande impressão moral, porque no momento da morte, Gandhi não esteve presente, entregue ao amor da esposa.

A sensualidade ocupa um grande espaço do livro e queixa-se de que tendo chegado a 1933 ainda não tenha podido dominar os seus impulsos sexuais.

A sua grande luta por libertar-se dos seus desejos terrenos, foi estimulada pela sua sexualidade e todas as suas tentativas fantásticas a respeito da sua alimentação e a escolha final de leite de cabra, como alimento ideal, eram igualmente estimuladas pelo desejo de diminuir o seu ardor sexual. Em 1900, aos 31 anos de idade, decidiu guardar castidade e em 1906 confirmou essa decisão, por um voto solene e perpétuo.

Classificou esta decisão como o seu primeiro passo para o domínio de si próprio. Era o preliminar essencial para a doutrina do *Ahinisa*, ou anulação de actos violentos.

A mulher de Gandhi

Gandhi

Ao concluir os seus estudos na Universidade de Ahmadabad o joven Gandhi decidiu partir para Londres a-fim de estudar direito, decisão muito contrária aos costumes indianos do seu tempo.

Uma viagem por mar é causa de degradação moral para o hindu ortodoxo e por conseqüência foi excomungado o joven estudante.

Nada, contudo, poude desviar a determinação tomada e conta-nos nas suas recordações que lhe fôra necessário vender as joias da esposa para pagar a viagem. A esposa ficou na Índia e êle conta-nos o voto feito perante a mãe de nunca comer carne, beber vinho de guardar castidade. A sua grande ambição era por êsse tempo de vir a ser Dewan como seu pai. Chegou a Londres no mês de Setembro de 1888 dando imediatamente começo ao estudo do povo inglês, que mantinha a sua pátria em sujeição.

Um compatriota deu-lhe logo estes conselhos, por vê-lo cofiar um chapeu alto ao revez: "Não mexas naquilo que não é teu; não faças preguntas a pessoas que mal conheces; não fales alto; nunca te dirijas a alguém, fazendo uso de "sir", como nós, na Índia". Gandhi comprou fato, aprendeu francês e latim e sofreu inclemências á procura de comida vegetariana.

Não comia ovos, ou molhos feitos com êles e quando pedia ao criado do restaurante para o informar a-respeito dos ingredientes que tinham entrado na confecção do guisado, nunca obtinha resposta apropriada. Três anos mais tarde voltou à Índia e estabeleceu-se como advogado em Bombaim. Quando pela primeira vez teve de falar em público levantou-se da sua banca para falar mas apossou-se dêle uma tal timidez, que teve de sentar-se sem dizer palavra.

Em 1893, convencido de que não poderia fazer vida na Índia, emigrou para a Africa do Sul, onde a enorme colónia dos seus compatriotas lhe deu trabalho e lucro. Daí a pouco via-se presidente da comunidade e no Sul d'Africa se demorou cêrca de 20 anos. Fôram os anos da sua preparação. O Sul d'Africa foi o campo que o preparou para o que êle havia de ser mais tarde.

ADOLFO BENARÚS.

A partida do sr. Cardial Patriarca para Roma

A fim de tomar parte no Conclave que vai eleger o novo Papa, partiu para Roma o sr. D. Manuel Cerejeira, Cardial Patriarca de Lisboa. — *Em cima:* O sr. Cardial Patriarca com a tripulação do avião em que seguiu viagem, tendo ao lado o capitão capelão Pizzigallo. — *Ao centro:* O sr. D. Manuel Cerejeira com o representante do Chefe do Estado, Ministro das Colónias e outras entidades oficiais momentos antes da partida. — *Em baixo:* Algumas das pessoas que foram despedir-se de Sua Eminência

A PROTECÇÃO DO MORTO

Um dia, alguém me preguntou, alguém de condição humilde, mas luzindo-lhe no olhar uma alma de poeta:

— "Acredita que um morto possa dar abrigo a um vivo?„

E antes que eu tivesse tempo para formular uma resposta, tão perturbada fiquei com a originalidade da pregunta, contou-me êste caso, não sei se verdadeiro se filho da imaginação vivíssima do meu informador, caso de que resolvi extrair uma novela, contada à minha maneira, conservando o fulcro original, vivido talvez.

■

Raul — chamemos assim ao meu heroi — era filho de ilustres e ricas famílias. Os pais tinham nêle a suprema esperança de que lhes continuasse a tradição de cavalheirismo e honestidade que foi sempre flor heraldica do seu brazão espiritual, certamente o que mais os orgulhava.

Raul, porém, não sabemos por que estranhos atavismos, era estouvado, pouco respeitador dos bons costumes, e comprazia-se na companhia de rapazes mal dotados de caracter, que o arrastavam para tabernas e lugares de prazer barato, mal frequentados.

É sabido que as más companhias estragam as criaturas de fraca fôrça de vontade, e que os maus exemplos se seguem mais fàcilmente do que os bons.

O dever é sempre tarefa árdua a cumprir, porque quási sempre temos de sacrificar-lhe outras coisas que mais alegria nos dariam.

E, por isso, há tão pouco quem cumpra o seu!

Raul, muito novo ainda, já de si fraco contra as tentações, deixou-se vencer pelas palavras que o incitavam a seguir o mau caminho, palavras insidiosas de maus amigos que não querem ser sosinhos na infâmia e procuram associar à sua vergonha outros que êles sabem com sentimentos melhores, mas débeis de vontade para fazerem prevalecer as suas opiniões.

Sem atender aos bons conselhos de sua mãi, que escondia do marido a vida desregrada do filho, e que com os olhos cheios de lágrimas lhe pedia que deixasse tão perigosas companhias, Raul foi-se cada vez mais atascando na lama, e no pano verde dos Casinos jogava e perdia grandes quantias, chegando a empenhar as joias da pobre mãi para pagar as suas dividas de jôgo.

■

Tenho de ser breve para não alongar de mais esta história, que deve caber numa página da *Ilustração*, para não massar os meus leitores, com minúcias inúteis.

O pobre rapaz, de cabeça inconstante e leviana, foi posto fora de casa pelo pai, já ao corrente da sua conduta, que não transigia em pontos de honra.

Sem dinheiro, sem trabalho onde o ganhasse o infeliz doidivanas vagueava pela cidade, uma noite tempestuosa.

Encharcado até os ossos, mal comido e mal dormido, não encontrava uma porta aberta onde recolher-se da chuva, e talvez, esperar a manhã, para seguir na sua faina de procurar emprêgo pelos anuncios dos jornais, lidos por favor numa tabacaria.

Depois de calcurriar quási meia cidade, numa travessa escura achou emfim um portal caridoso aberto.

Entrou, olhou para cima e viu que a porta da sobreloja estava apenas encostada, coando-se através da abertura uma réstea de luz.

Levado por um singular pressentimento, subiu a escada, ao mesmo tempo que soluços abafados lhe feriam os ouvidos.

Talvez estivesse ali alguém que precisasse do seu auxílio, tanto mais que o chôro era de mulher.

Empurrou a porta e deparou-se-lhe uma cêna que o chocou, pelo imprevisto.

■

Num quarto pobre, mas cuidado, um caixão com um morto repousava ao centro da casa, sôbre uma mesa.

Sentada à cabeceira, chorando, com o rosto coberto pelas mãos pálidas, uma velhinha de cabelos de neve chorava angustiosamente. Ao ouvir passos, levantou a cabeça, e quási contente, como se de repente recebesse uma consolação suprema para a sua dor, foi ao encontro de Raul, de mãos estendidas, dizendo-lhe:

— "Ainda bem que veio. Não o conheço, mas deve ser amigo do meu neto, e vem acompanhá-lo na sua última noite de casa, não é assim?

"E muito amigo deve ser, para cá vir com uma noite destas. Também, foi o único que veio. Isto, quando a gente é pobre...„

Raul estava pasmado, mas desfazer o engano da avòzinha seria uma crueldade, por isso, respondeu:

— "Não tem que admirar-se, éramos muito amigos, companheiros de oficina...„

— "Mas está todo molhado — retorquiu a velhinha — Venha cá, vou dar-lhe roupa do meu neto. Como deve saber, êle morreu dum desastre. Não há perigo de lhe pegar nada. Depois vai comer uma sopa quente — resto da sua última refeição...„

E levou-o a uma alcova interior, onde lhe deu tudo que era preciso para mudar de fato e ficar confortável.

Enquanto comia, Raul pensava no seu caso estranho: Dos vivos só recebera recusas de auxílio, só lhe tinham dado o abandono e a indiferença. E foi um morto que o abrigou, que lhe matou a fome com os seus restos de comida, e passou para êle, o carinho da sua avòzinha. Já não estava só no mundo. Aquela santa não o abandonaria e êle assim mais coragem teria para procurar trabalho.

A sua vida futura erguia-se sobre uma mentira piedosa, que não ofendia Deus nem o amesquinhava a êle.

MERCEDES BLASCO.

Gravura bonapartista publicada em França

NÉVOAS DO PASSADO

A vida amorosa do filho de Napoleão

Como êle quis apaixonadamente à princesa Sofia da Baviera

O verão passara. Estava-se no outono, mas num dêsses quentes, dourados e esplêndidos outonos — verdadeiros adeuses de verão — repletos duma voluptuosa doçura, que parecem, aos olhos dos sensuais e dos artistas, mais belos ainda do que a própria primavera.

O outono chegara ao parque de Schoenbrunn como um general em chefe às ordens do soberano Inverno. A luta travara-se, mas, após uma heróica defesa, príncipe Verão, completamente vencido, fôra obrigado a tomar o caminho do exílio, onde já o esperava a sua amada Primavera. E, enquanto o Verão, nos braços da sua eleita, cogitava o meio de recuperar os seus domínios, o Outono percorria triunfante o país conquistado.

À sua passagem tudo empalidecia, tudo murchava, tudo entristecia. Mas tudo empalidecia, tudo murchava, tudo entristecia com a maior beleza e encanto.

A Natureza subjugada parecia dizer:

Breve beleza, breve encanto... Não vos iludais, ó pares juvenis que passeais!...

A luz dourada do outono parece-vos mais bela, mais suave, mais propícia aos longos colóquios amorosos. Mas não vos iludais...

O sol perdeu já bastante do seu esplendor e o céu do seu azul maravilhoso. As flores murcham e as fôlhas caiem...

E, depois do outono, chegará o inverno e êle sepultará o astro rei no sudário das suas brumas...

Passeai, passeai, ó pares juvenis, que não passeais por muito tempo...

Realmente, o sol perdera já muito do seu resplendor ofuscante e o firmamento do seu luminoso matiz cerúleo. A brisa desfolhava as setíneas e aveludadas pétalas das flores e as fôlhas, uma a uma, iam-se desprendendo das árvores. Bailavam um instante no ar semelhantes a libélulas de ouro, até que vinham imobilizar-se no solo como que para o último sono.

Era sôbre essa alcatifa dourada que, a passos lentos e vagarosos, detendo-se a cada instante, o duque de Reichstadt e a arquiduquesa Sofia iam avançando.

A arquiduquesa parecia mais juvenil, mais encantadora, mais graciosa do que nunca. Não era nos salões do palácio, coberta de setins, ou veludos, resplandecente de jóias ancestrais, que a sua frágil, delicada e ideal beleza se destacava com o devido realce. Era ali, nos jardins, que pareciam ser o seu reino, o seu verdadeiro elemento, trajando um simples, mas graciosíssimo, vestido aos folhos, de leve cassa florida, que ela se mostrava realmente como a sílfide dos bosques, a fada do parque de Schoenbrunn.

A fada de Schoenbrunn e o príncipe encantador, eis como o bom Perrault os teria designado se os houvesse encontrado, naquela tarde, passeando, de braço dado, sôbre o damasco dourado das fôlhas sêcas.

Um banco de pedra — um dêsses bancos de pedra tão queridos dos namorados — parecia de longe convidá-los a sentarem-se.

O duque e a princesa, obedecendo ao mudo convite, tomaram lugar ao lado um do outro no poético assento.

— O teu comandante, o príncipe Wasa, Franz — exclamou Sofia da Baviera, um momento mais tarde, quebrando o silêncio — falou de ti ao imperador, das tuas qualidades como oficial, nos termos mais elogiosos. Disse que eras um cavaleiro admirável; que comandavas o teu batalhão duma forma impecável; que eras sempre o primeiro oficial a comparecer de madrugada no quartel e o último a retirar-se e que, a todo o momento, solicitavas as missões mais trabalhosas. Acrescentou que todos, ali, desde os soldados que te adoram pela tua modéstia e bondade, até aos oficiais que te admiram profundamente pela vastidão dos teus conhecimentos tácticos e estratégicos, se sentem muito felizes e orgulhosos por pertenceres ao seu regimento, e terminou dizendo que o major Prokesch von Osten tinha razão, quando afirmava que não havia, em tôda a guarnição de Gratz, um oficial reünindo em si tôdas as qualidades necessárias para um alto comando como o duque de Reichstadt.

O puro azul dos olhos do "Aiglon" iluminou-se de alegria, mas, decorridos alguns instantes, ensombrou-se de tristeza.

Embora involuntàriamente, Sofia, com as suas palavras, viera revolver a ferida que continuamente sangrava no seu coração.

O duque de Reichstadt, em grande uniforme, passando revista às tropas em Viena

Só êle sabia como era doloroso para o seu orgulho e a sua dignidade — o legítimo orgulho e a legítima dignidade daquele a quem o nascimento destinara a ser o comandante da "Grande Armée" — lembrarem-lhe a sua qualidade de oficial austríaco.

Cruel ironia do destino, realmente!

O duque de Reichstadt (Baixo relêvo por Glanz

O filho de Napoleão, o príncipe imperial, aquele que fôra saüdado no berço pelo título de Rei de Roma, servindo como tenente-coronel num regimento do exército dos Habsburgos — no exército daqueles que tanto haviam constribuído para a derrocada do império napoleónico!

— Consagro, realmente, as minhas noites ao estudo e os meus dias ao serviço — respondeu por fim, estreitando nas suas, as mãos da princesa — não para ser, como muitos desejariam, na Áustria um segundo príncipe Eugénio de Sabóia, mas, a-fim-de que se um dia, a França me chamar, não me mostre indigno de meu pai!

Desta vez, foi o turno de Sofia entristecer e de curvar desanimadamente a fronte, desviando o rosto, no intuito de que o príncipe não visse a palidez e a profunda alteração dos seus traços.

— Se a França um dia me chamar... Se a França um dia me chamar... — murmurava para consigo a arquiduquesa, repetindo as palavras de Francisco Carlos.

Oh! Ela bem sabia! O príncipe não se iludia, não se animava com esperanças vãs. Mais tarde, ou mais cedo, a França havia de reclamá-lo! Mais tarde, ou mais cedo, êle partiria para ascender ao trono esplêndido de púrpura e ouro semeado de abelhas imperiais! Mais tarde, ou mais cedo, ela perdê-lo-ia, e para sempre!

Perante essa perspectiva tôda a sua alma e todo o seu corpo de amorosa se ergueram num desespêro e numa revolta.

Desespêro e revolta contra o destino que acorrentara a sua existência à dum fátuo, dum egoísta como o arquiduque Francisco, em vez de lhe dar por marido o filho de Bonaparte.

Ah! Se ela fôsse livre! Franz desposá-la-ia imediatamente e ao partir, ao abandonar para sempre a Áustria, não partiria só...

Mas os elos da cadeia que a prendiam ao arquiduque não podiam, infelizmente, quebrar-se. Nenhum laço, pois, existia, nem podia existir, entre os dois, de modo que, quando a hora de partir soasse, a separação seria definitiva. E nunca mais, nunca mais, talvez mesmo, se tornariam a ver...

Dir-se-iam adeus — o adeus repassado de infinita amargura e cruciante saüdade que se murmura, com a alma despedaçada, junto dum morto querido, cuja longínqua sepultura se sabe que jamais se poderá visitar — e depois, cada um seguiria o seu caminho, caminho êsse que cada vez os separaria mais um do outro...

Adeus! Adeus, depois de haverem percorrido nos braços um do outro, com os lábios unidos num beijo sem fim, a mais bela parte da estrada florida da mocidade!

Metternich (Retrato por Thomas Lawrance)

Ele partiria e, uma vez lá longe, em França — pensava Sofia com o maior desespêro — esquecê-la-ia bem depressa. Os homens esquecem depressa, sobretudo quando são belos, quando têm vinte anos e quando são senhores dum trono... Outras mulheres surgiriam na sua vida. Mulheres possuidoras de corpos belos, muito mais belos talvez do que o seu, mas dotadas de almas muito menos sinceras, muito menos apaixonadas, muito menos fiéis...

Depois, um dia, a necessidade dinástica obrigá-lo-ia a escolher a sua esposa, a sua imperatriz. Não seria uma princesa, não, nem uma arquiduquesa. Franz de modo algum renovaria a loucura de seu pai, ao julgar que a filha dos seus maiores inimigos vencidos seria para êle uma esposa dedicada e fiel, tanto na fortuna, como na adversidade.

A imperatriz de Napoleão II — cogitava Sofia da Baviera, continuando a des-

«...resmungam mas seguem sempre» (Litografia de Raffet)

fiar as contas do rosário dos seus tristes pensamentos — seria talvez uma Bonaparte, uma dessas belíssimas jovens de corpos de estátua, perfil de medalha e longos cabelos negros, no género dessa outra sobrinha do Grande Corso, a condessa de Camerata, que lhe tinham mostrado no Prater.

Outra mulher conheceria — e legitimamente, sem receios nem remorsos! — a inebriante doçura dos beijos de Francisco Carlos. Outra mulher conheceria a estonteante volupia das suas íntimas carícias. Outra mulher conheceria a suprema ventura de ser mãe dos seus filhos!

E ela ficaria em Schoenbrunn e na Hofburg, naqueles palácios vastos e silenciosos como túmulos, vivendo unicamente da recordação das horas para sempre volvidas...

Por momentos, a amorosa, a amorosa cujos lábios estavam ainda frementes de beijos, a amorosa cujo corpo estava ainda vibrante das carícias do amante, venceu em Sofia a grande amiga. Por momentos, ela esteve tentada a empregar todos os esforços para o reter na cadeia dos seus braços. Por momentos, esteve quasi decidida a embriagá-lo de volupia, para o fazer esquecer a Glória...

Era a revolta — aliás bem humana — da amorosa cujo coração e cuja carne se erguiam num desespero, á idéa de perder o amante!

Mas o amor, êsse amor verdadeiro que só as almas de elite podem conhecer, é tôdo feito, não de egoismo, mas de abnegação e sacrifício.

A princesa Sofia era uma dessas raras almas de elite que, de longe em longe, florescem na Terra. Amava verdadeiramente o filho de Napoleão.

Volvidos alguns minutos, a luz voltou a iluminar o seu espírito obscurecido e a grande amiga venceu para sempre a amorosa.

Não tinha o direito — reconhecia — de, arrastada pelo egoismo da paixão, condenar o ente que mais amava na vida, aquele que para ela representava tudo no Mundo, ao exílio, ao infortúnio e à obscuridade. Todos os seus esforços deviam, pelo contrário, conjurar-se para o conduzir à Pátria, à Ventura e à Glória!

Apezar de tôdas as diligências de Metternich, Francisco Carlos era sempre o "Filho da Águia". Tinha asa se, por conseguinte, direito a voar. Era tempo que as portas da prisão dourada de Schoenbrunn onde êle vegetava, cercado de espiões e de inimigos, se abrissem para êle levantar vôo!

Seria um crime rouba-lo ao seu destino. Era à Glória que êle fôra consagrado desde o seu primeiro instante de vida. Era à Glória, portanto, que êle pertencia!

A princesa da Baviera erguia resolutamente a fronte. O seu delicado rosto, como que nimbado duma auréola de sacrifício, resplandeceu de nobre e tocante beleza. Um sorriso infinitamente doloroso, mas absolutamente heróico, franziu-lhe os lábios descorados.

Tôdas as carícias da paixão egoista haviam desaparecido. Só ficára o amor — o amor verdadeiro e puro como apenas o experimentam as almas duma rara generosidade e nobreza — tôdo feito de altruismo e de imolação.

De imolação, sim, porque Sofia ia imolar-se em holocausto ao homem amado.

Se chamam mártires de amor àquelas a quem o amor despedaçou, como deveríamos então chamar aquelas que, levadas por um altruismo verdadeiramente sublime, renunciam ao seu amor para fazerem a felicidade do homem amado?

Essas é que merecem o nome de mártires. As outras, são as vítimas.

— A França, há-de chamar-te um dia — exclamou por fim a arquiduquesa, diligenciando, à custa dum esfôrço sobre-humano (outro milagre de amor!) ocultar o seu desespero — não duvides. Há milhões de homens para quem tu és sempre o "Filho da Águia". É em ti que eles colocam tôda a sua confiança e tôdas as suas esperanças!

— Tens razão, Sofia, tens razão — respondeu o príncipe com o rosto iluminado pela chama do entusiasmo. A estrela de Napoleão, depois de tantos anos de eclipse, há-de reaparecer para guiar os meus passos!

Um dia, hei-de passar o Reno e entrar em Estrasburgo... A França inteira erguer-se-á para vir ao meu encontro... Avançarei, seguido pelo exército e pelo povo, de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, até avistar as torres de Notre Dame!

Entrarei em Paris... Envergarei o uniforme dos caçadores da Guarda... Verei tôdos os antigos companheiros de armas de meu pai. Verei Bertrand, Montholon e tôdos aqueles que no infortúnio, no exílio e na prisão lhe permaneceram fieis... Verei tôdos os gloriosos sobreviventes da velha Guarda... Os *grognards* rirão e chorarão, ao mesmo tempo, de alegria, por verem finalmente senhor da França o filho daquele que eles tanto amaram... Por-me-ei à frente deles e depois gritarei ao czar, ao imperador e ao rei da Prússia: Agora, vinde tomar-me!

Sofia olhava-o, tomada dum profundo pasmo. Já não era o pálido e romântico príncipe austríaco que tinha diante de si.

De facto a rajada de entusiasmo que fazia vibrar a alma do "Aiglon" dir-se-ia que virilizára, que transformára quási por completo seu delicado físico. Com os cabelos desfrizados pelo vento, ondeando revoltos, o olhar imperioso, o rosto endurecido, o corpo alteado num impulso supremo de energia, êle parecia outro homem. Um homem belo e indómito como Bonaparte na ponte d'Arcole.

O sangue corso, na realidade, vencera completamente naquelas veias o austríaco!

Quem o visse como naquele instante reconheceria nele imediatamente o "Aiglon", o Pequeno Bonaparte, o Filho do Homem.

— Hás-de reinar, Franz — exclamou Sofia, agarrando-lhe as mãos — hás-de reinar! Do duque de Reichstadt, como a borboleta da crisalida, há-de surgir Napoleão II!

Para mim estarás perdido, mas serás feliz e eu envelhecerei triste, mas resignada, pensando que fui eu que, em parte, contribui para te restituir à Pátria, à Glória e à Felicidade!

Francisco Carlos despertou do seu sonho, ao ouvir aquelas palavras em que tôda a beleza moral da amante transparecia, e extremamente comovido, reconhecendo a imensidade do sacrifício daquela alma, sentiu a sua energia e a sua coragem fraquejarem.

Mas não seria indigno vacilar — pensou — quando a mulher, o ente mais fraco, lhe ditava o exemplo?

Tomou-a silenciosamente nos braços, sem saber como exprimir-lhe tôda a sua admiração e reconhecimento.

— Queria ter um filho — murmurou de súbito a princesa, erguendo para o duque o seu rosto orvalhado de lágrimas — um filho teu que em tudo se te assemelhasse!

Era êsse o secreto desejo do coração de Sofia da Baviera. Um filho!

Um filho, isto é, êle e ela unidos para sempre num pequenino sêr!

Essa criança, fruto dum amor tão forte que os levára a esquecer as leis dos homens e tão grande que só a morte extinguiu, havia de vir ao mundo para nele ser o desventurado imperador Maximiliano I, do México, "a bela flor dos Habsburgos tombada em terra bárbara, numa manhã de verão".

EUNICE PAULA.

A MORTE DO PAPA PIO XI

O cadáver do Papa Pio XI exposto na capela do Sacramento na basílica de S. Pedro. — *Ao centro:* O túmulo de Pio XI nas criptas do Vaticano. — *Em baixo:* O chefe do Estado e o sr. Cardial Patriarca durante a celebração das solenes exéquias oficiais por alma do Papa Pio XI na igreja de S. Domingos

Um curioso baixo-relêvo

Cenas da Natividade e Adoração de Jesus, no sepulcro de Afonso Sanches em Vila do Conde

ATOUGUIA DA BALEIA, à beira da estrada que liga Peniche a Óbidos, foi um burgo fidalgo e rico, com tradições heroicas e lendas milagrosas, com foros e soberbas concelhias, atestadas agora apenas por um pelourinho e outras pedras arruinadas, além das prosápias arquivadas em papéis. Possui pitorescos terreiros de solares e duas magníficas igrejas: — uma é pomposa e curta em puro estilo barroco, pesada, austera e magestosa, com altares italianos de embutidos policromos, e a outra é uma das mais nobres e singulares igrejas românicas que temos, enxertadas com janelões góticos e altares de talha dezoitista, não falando na caliça do século imediato, democrático e irreverente, que ofusca um ou outro remendo das eras renascentes ali chapeados.

Hoje é um povoado pobre e triste, limpo, humilde e ventoso. Quem ali passa mal pára, porque não tem venda de esquina para matar sequidões de caminhada, nem gasolina para motores, nem chamariz turístico para moinantes de brique-á-braque. Mas se adrega de parar ali o viandante, tem uma linda paisagem para admirar, de matizes finos nas colinas, cheirosa à maresia salina que o vento espalha; e se o peregrino é dado a meter o nariz nas frinchas do passado, lá topa, entre a poeira das pedras rústicas, santos motivos para deleites e pasmações. O monumento que através das intempéries dos séculos os homens conservaram, e que mais agrada ao vulgo, é o chamado *Monumento esquecido*, do Padre Nunes Tavares, engenhado e inaugurado nos fins do século XVII, cujas proporções nos parecem encurtadas por um irrespeitoso alteamento do solo, mas às quais a nossa vista depressa se habitua, apercebendo por fim a sua curiosa trama, com um alpendre de colunas bojudas ao redor do templo, e com duas tôrres sineiras de imponentes avanços à caprichosa fachada do centro, de forte massa arquitectónica, em curva de arco de flexa e uma rosácea no eixo.

O terreiro é vasto e de bons ares, com uma fieira de esteios furados, erguidos como padrões em linha de parada, até às bandas dos moinhos. O altar-mór da Real Capela de Nossa Senhora da Conceição, tem magnificências de mármores incrustados, que senhores de bens mandaram vir de Itália. A Virgem antiga, pequena e coberta de brocados, possuidora de joias e de boas famas de milagre, acolhe os crentes, lá no seu trôno que sobrepõe o sacrário. Tudo nela é saüdade duns tempos afortunados que a sorte apagou, e hoje é sòmente uma relíquia do orgulho dos indigenas, que mal a freqüentam.

O outro monumento é menos pomposo, mas é mais belo, mais antigo e muito mais sedutor de cantarias e peças de arte. Tem duas formosas portadas de capiteis gastos, e dentro é dividida em três naves, cujas colunas são de encanto, sobretudo nos remates com folhagens largas, ornatos sóbrios e figuração simbólica, como manda o gôsto românico. Bem reclama e merece ser restaurado, isto é, restituído à sua primitiva beleza, o que seria de facílima realização, visto ter ao leu os seus segredos originais, depois de terem caído os rebôcos dos ajuntamentos ocasionais dos séculos. O gótico remendou-a com respeitáveis enxertias que agora se devem conservar.

Baixo-relêvo na pilastra exterior da Catedral de Orvieto

Descrevê-la, a-pesar de ser fácil, não é meu intento; contar dos seus tesoiros também por razões de ordem disciplinar não me compete fazê-lo. Como escultor desejo apenas referir-me a duas obras de bela imaginária ali patentes, estudadas por sábios críticos, que me impedem veleidades de clarim de novidades, quando já foram divulgadas por outrem. Refiro-me à imagem de "Santo Eduardo", em madeira, postada no lado direito do altar-mór, estofada e encantadora. É uma escultura portuguesa que deve datar do século XVII. O santo tem uma linda cabeça, larga e bem talhada, que em proporcionadas formas, realça na indumentária singela do hábito. A mão esquerda, que segura um livro grande e perpendicular, tem determinado movimento que denuncia grande observação do natural, negando maneirismos peculiares na imaginária daquela época, para provar as características apregoadas de bons visionários, nos artistas portugueses.

Calha a talhe de foice a recordação dêste alimentado princípio de nós sermos mais uns intérpretes ajuizados e líricos, do que pròpriamente criadores de fantasias abstratas ou estilisadores das formas naturais. Isto não nega, contudo, a imaginação dos nossos artistas, revelado no compor e pormenorisar das suas obras. Os críticos de arte, geralmente exageram na defesa das suas obsessões de teóricos, as assimilações que nos atribuem das obras alheias. Na sua irredutibilidade de juizes na estética, esquecem-se da generosidade e largueza com que devem examinar o âmago da arte. Chamam-nos escravos da verdade, e ao mesmo tempo acusam-nos de poesia. Pretendem favorecer as nossas particularidades de observadores, dando-nos jeitos para retentivas que impedem traduções livres, distraindo-se da invenção, transplantação e até deturpação estilística em muitos casos, que nos fez imprimir cunhos de nacionalidade ao românico, por exemplo, inventar a exuberância do *manuelino*, afidalgar o barrôco e transfigurar muitas vezes a terra num ceu aberto de venturas e efeitos. Imaginários queremos ser, mas pelo sentimento e pela graça do espírito. Se tivessemos tantos olhos como dizem, com a habilidade que Deus nos deu, talvez que o nosso lugar fôsse mais respeitado por quem se ocupa dêstes problemas.

Aqui temos um documento desta afirmação, no baixo-relêvo da "Natividade", existente na matriz de Atouguia da Baleia. A sua concepção de sentido poetico e extremamente simplista, em relação aos

representando a Natividade

quadros estrangeiros sôbre o mesmo motivo, teve uma nova resolução decorativa, na sua composição de efeitos pictóricos e gloriosos. Vê-se que quando êle foi executado já existia pintura em Portugal. É de presumir que seja obra do século XIV, baseado no gótico da mais singela expressão, vindo das catedrais francesas. O seu delineamento é feito sob aquela influência, mas a sua execução é, pelo estudo da técnica e das resoluções dos pormenores, fruto dum jeito português, sujeito á disciplina profissional mais das bandas do sul do país que das oficinas coimbrãs, onde mestres de fora haviam arribado. A pedra em que foi lavrado é mole e friavel, como de resto parte da igreja onde se encontra, dum calcáreo poroso e pouco refratário ás inclemências do tempo.

Representa êste relêvo a cêna sagrada do *Presépio*, com a Virgem deitada em singelo leito coberto de panejamentos, tendo a cabeça, de toucado em pregas e à maneira das imagens giotinas, apoiada num cochim como os das jacentes tumulares. Mais sóbria que os famosos grupos do Natal em Chartres ou Reims, lembra no entanto a escultura de Amiens, que se repetiu em miniaturas de livros e em vidrais antigos. Os braços finos da Virgem, que contrastam com o volume da cabeça largamente coifada, entretêm o Menino com o brinquedo duma flor e dum pequeno livro, enquanto dois sujos turibulários incensam a cêna, assistida pelos animais de Belém e pela figura de S. José, em dimensões mais reduzidas, alheio na sua meditação, segurando um bastão com o punho em forma de T, e sentado num banco de tribuna.

O rosto do patriarca é trabalhado com finos recortes, desde os do gôrro aos das barbas. Todo o quadro é limitado por uma cortina de alcova. Esta escultura foi por certo pintada na sua primitiva, como atestam os restos de tinta e ouro que se vêem na grade que serve de fundo ao Menino, o qual tem nas mãos um pômo.

Ainda que delineada no gôsto da arte francesa de então, podemos considerá-la esculpida por nacionais, cujo mestre tocou um outro ponto da obra com afinamentos de melhor prática profissional. O dr. José de Figueiredo, na "Lusitania", estabeleceu um paralelo entre êste retábulo e o do tríptico de Guimarães, de grandes parentescos. Outras composições, porém, se lhe assemelham, em púlpitos, sarcófagos e altares, que muito se estimam e protegem lá fora, sobretudo em França e Itália, enquanto êste parece abandonado no plano fundeiro dum altar duma bela igreja esquecida. Houve uma espécie de padrão convencional, em tôda a parte, para representar o Mistério da Natividade, que modificado nos séculos XVII e XVIII, criou o pitoresco molde dos presépios movimentados, populares e deliciosos, mas também sujeitos ao parentesco estético de todos os países. No sepúlcro de Afonso Sanches, em Vila do Conde, assim como no marfim gótico, de Évora, as cênas do "Nascimento" e de "Adoração" são igualmente esculpidas com grande beleza, não possuindo todavia o encanto dêste sumarisado retábulo, que para mais é o mais antigo que Portugal possue.

Pormenor dum púlpito em Siena, por Nicolau Pisano

Urge defendê-lo e valorizá-lo, assim como à igreja onde se encontra, que sendo uma linda peça de arquitetura, é detentora ainda de preciosas tábuas com pinturas primitivas e outras mais recentes, todas já inventariadas pelo Estado. O painel de "S. Leonardo", assim como as quatro tábuas do altar-mor em que "Santo António" se destaca, e o quadro com a a "Virgem e o Cristo morto", assevilhanisado, dramático e escultural, mereciam bem um estudo de alguém que ali fôsse de propósito, para irmos dizendo ao Mundo que o nosso passado não é sòmente o que anda dito e redito por todos os papeis, e mesmo sem propósito justificado muitas vezes.

DIOGO DE MACEDO

«Natividade» — escultura existente em Atouguia da Baleia

ASPECTOS DA GRANDIOSA MANIFESTAÇÃO

ao sr. Presidente do Conselho, Dr. Oliveira Salazar

A grandiosa manifestação tributada ante-ontem ao sr. Presidente do Conselho, mostrou claramente que todas as classes trabalhadoras de Portugal compreenderam o formidável esforço do insigne estadista que salvou Portugal, elevando-o à categoria a que tem legítimo direito entre as outras nações.

Êle próprio o disse no seu eloquente discurso:

"Eu não sou um ideólogo que sonha utopias, nem de tal pode acusar-se quem é obrigado a viver em cada dia pela inteligência e pelo coração muitos anos do futuro. Leio em grandes livros frases soltas, pensamentos extraídos já não sei donde — aspirações de algum dia. Caiu a semente na terra sequiosa e germinou, e viceja, e frutifica na extensa seara que os nossos olhos vêem: à descrença dos pessimistas apresentam-se realidades palpáveis.

E quando, por ocasião das festas centenárias, realizarmos o primeiro Congresso das Corporações, alargada a organização e os seus benefícios pela progressiva integração de tôda a actividade nacional no plano corporativo, seguros de havermos regenerado a Nação e conscientes do papel que ainda lhe está reservado no Mundo, poderemos inclinar nossas bandeiras ante a memória dos que fizeram Portugal e dizer-lhes orgulhosamente: — nós somos bem os filhos do vosso sangue e os legítimos continuadores da vossa História!"

O ENIGMA DE MARGARIDA

«Que era um enigma...» — Afirmava ela, servindo-se destas palavras, mais como escudo, do que como definição da sua psicologia.

Há muitas mulheres assim... Mas esta não era como as muitas, embora fôsse mulher.

Margarida aparece a viver a vida alta das grandes emoções quando sentiu a sua primeira desilusão, a maior, aquela que imprime carácter na alma duma mulher: Amara, casara, mas o homem que ela escolhera para seu companheiro, aquele em quem consubstanciara tôdas as suas aspirações, tôdas as suas anciedades e que faria a sua esfusiante alegria de viver, não a merecia... Não a podia merecer. Porquê? Os dois o sabem, e dêsse segrêdo conhece-se apenas que Margarida, passados oito dias sôbre o seu casamento, ainda podia embrulhar a sua candura de criança no véu do seu infeliz noivado.

Eu não sei de quanta amargura possa haver neste baquear de ilusões... Mas deve ser horrível para uma mulher ver desfeito o maior sonho da sua vida, quando o homem que tanto ama tenha de lhe dizer: — Vai, eu não posso amar-te...

Começa aqui o calvário desta mocidade estuante e viva, que se sentiu à beira de quanto idealizara e vê sumir-se num redemoínho de negruras tudo... mas tudo!

— Voltar a amar? — quantas vezes esta interrogativa andou no seu peito!

— Renunciar? — outra pregunta que tangia na sua inteligência.

Mas era nova — vinte anos — bonita, desprezara conveniências, sacrificara ao pensamento dominante da sua vida o seu coração...

E deu um passo em frente: Divorciou-se. A vida pregada ao cadáver do seu grande sonho podia morrer também. Esta conquista duma convencional liberdade não a desvairava, mas punha-a à vontade e dáva-lhe horizontes mais largos e desobrigava-a de certas explicações e tirava de tudo quanto lhe dizia respeito aquele picante que têm as mulheres casadas, separadas dos maridos sem a fórmula legal.

E... olhou-se. Lá estava no cofre do seu toucador a grinalda de flor de laranja que puzera naquela manhã fresca de Abril para ir dizer o "sim" diante do oficial do registo civil. O seu vestido de noiva, o seu véu... E murcho, mas ainda perfumado, o ramo de lírios que apertava ao peito nesse dia que lhe foi de luto e de tristeza...

Afinal, um passado que era presente. Tudo aquilo ainda podia ostentar se quizesse, e todos os dias abrem por êsses vales lírios brancos e açucenas...

Um enleio de amor prendeu-a. A beleza vence a virtude e raro a reflecte. Andava o seu coração viuvo de sonhos e de ilusões. A sua alma tinha a algidez duma lousa funerária.

Só o amor a podia erguer alto e dar-lhe alegria.

E amou! Voltou a amar! E tudo era diferente. A chama de outrora era agora labareda que a consumia. Aquelas duas almas uniam-se numa pira e subia-lhes aos olhos a transparência duma grande aspiração em que que iam comungar os sentidos. Era a vida do amor!

Mas... os preconceitos? Que importa isso se o amor é ainda — e sempre — a remissão de tudo?

E amaram-se numa loucura de desejos, parecendo-lhes que o mundo lhes fugia para esgotarem todo o encanto que a vida dá a quem a quere viver!

O fundo do quadro era igual em tudo! Secara-se o desejo, fenecera a ansiedade, morrera a ilusão e de novo Margarida voltou a olhar a sua grinalda, o seu véu de noiva, que nem já de mortalha lhe poderia servir...

E a candura e a inocência e a graça de ser pura tinham sucumbido para sempre nesse amor tão forte — espécie de fogo de palha — que era agora a sua mais pungente recordação!

Nem saüdade? Nem saüdade! Tudo fôra uma loucura, um desvário. Uma daquelas horas más que batem na vida e, quando se ouvem, decidem da vida.

Que fazer?

Reagir. Renunciar ao amor? Nunca! Mas... ter com o amor as maiores cautelas.

E aqui surge o "Enigma", que passará a ser o "loup" côr de rosa de Margarida. O seu escudo. A armadura com que abroquelará a sua alma, para lutar e vencer.

Lançou-se numa vida de relações. — Êste dinamismo que coloca as pessoas diante de tudo quanto há de mais inesperado e de mais inexplicável. Procurou dar nas vistas.

Hoje almoçava com o dr. X., amanhã tomava chá com o escritor Z... Frequëntava as reüniões chiques, ia às primeiras récitas, via as estreias dos melhores filmes e procurava impressionar a turba com a sua beleza e com o seu estudado desinterêsse de tudo e por tudo!

E surgiu a intriga. Margarida, tornada Penépole, procurava ser-lhe superior. Tinha uma vida irrepreensível... E subia a onda.

Preguntava-se: — Quem é esta rapariga?

Uns respondiam com verdade, outros encolhiam os ombros e mastigavam uma dúvida.

— Vi-a, outro dia, no "Tavares", com o Fausto Menezes... Fumava com delicioso encanto um cigarro caro...

E aumentava a má língua.

— Também a vi, há dias, no "Oriental" com o Júlio Moreira...

— Ontem, à tarde, subia a Avenida a guiar um automóvel branco...

— Ia com alguém?

— Ia sòzinha...

Margarida não tinha fôrças físicas, nem reservas de coragem para resistir a tudo isto. Fugiu de Lisboa.

Para onde? Ninguém sabia.

Nostálgica desta cidade "de muitas e desvairadas gentes" voltou. Vinha mais senhora de si. Com o aspecto de pessoa curada e disposta a enfrentar uma vida nova.

E assim foi.

O jornalismo seduzia-a. Tentou-o com brilho. O seu nome assinou alguns artigos de interêsse. Foi a "menina bonita" dos rapazes dos jornais e conquistou-os fulminantemente.

Todos a consideravam. Muitos deles ergueram fantasias... Era boa camarada. Amável e distinta. Estendia, com insuperável elegância, a sua pequena cigarreira a quem se abeirasse dela para conversar. Esta cigarreira era o seu "pára-choques"... — e tagarelavam.

Sentia-se na sua alma uma grande insatisfação. Queria ganhar a vida — dizia. Era humano. Mas queria também agitar o seu nome como bandeira das suas aspirações. Esta era a vaidade de mulher... O passado tinha-o de mágoa e terror. Voltar a êle seria matar tudo quanto andava na sua vida feito de ansiedade e sonho...

E... escreveu, e falou, e fez-se notada.

Pródiga nos sorrisos, nas graças e nas atenções, envolvia todos — mas todos — num grande encantamento.

Os homens olhavam-na. Ela via-se mulher e sentia que o era. Mas a sua mascarilha côr de rosa não a deixava transigir.

Jurara! E... as mulheres quando juram...

E tudo quanto em si sentia de feminino e gracioso, de envolvente e sedutor, punha ao serviço da sua ideia fixa: ganhar a vida!

As reminiscências do passado feriam-lhe a sensibilidade... Não podia negar que lhe andava na alma um fogo a consumi-la lentamente.

— Mas, não! — dizia — por êsse preço é muito cara a vitória que pretendo alcançar. Irei por outro caminho...

E no fim de todos os caminhos havia um sorriso a envolvê-la e um desejo a massacrá-la.

Ela não queria deixar-se envolver por êsse sorriso, nem satisfazer êsse desejo.

. . . . . .

Um dia — daqueles que só aparecem uma vez na vida — deixou-se tocar duma grande paixão. Não soube reagir. A luta venceu-a e o coração e os sentidos cederam.

— Se para vencer é preciso que ame, amarei para lograr o que quero, o que desejo...

E amou! E conquistou!

Margarida é hoje uma das mais brilhantes escritoras portuguesas.

O seu véu de noiva cobre agora o berço do seu filho. De recordação guardou na alma a imagem do seu "Enigma" — o "loup" côr de rosa, que cuidava ser o seu broquel.

. . . . . .

As mulheres nunca renunciam ao amor. Repelem-no quando vêm nele razões de sofrimento e tortura. Andam a enganar-se para depois encherem a vida de maiores ilusões!

MÁRIO BARROS

VIDA ELEGANTE

Casamento da sr.ª D. Celeste César Nunes com o sr. Henrique Jorge de Sampaio Pereira de Sousa Machado

Festas de caridade

No Casino Estoril

A favor de várias obras de beneficência do Estoril, efectou-se na tarde do dia 16 de Fevereiro passado, no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, uma interessante festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e da colónia inglesa actualmente passando o inverno na Costa do Sol, sob a presidência de Lady Selby, esposa do ilustre Embaixador de Inglaterra, em Portugal, sir Waldord Harmood Montagne Selby, e da qual faziam parte D. Branca de Sommer de Andrade, D. Clotilde de Melo e Faro de Figueiredo, Condessa de Murça, Condessa de Peniche Condessa de Vil'Alva, D. Eugénia Costa Cardoso, D. Josefina Arbues Moreira, D. Maria Leonor Madureira, senhora de Abererombie, senhora de Buckall, senhora de Gardner, e senhora de Geugh.

A festa constou de «chá» durante o qual se exibiram gentilmente o distinto artista Alberto Xavier Pinto, do «Retiro da Severa» que se fez ouvir em vários fados de Coimbra, acompanhado por distintos amadores, e os distintos amadores D. Eliza Neto Afonso, e Miss Violet Etheringto-Smith, que se exibiram em uma «pavana», Mrs. Etheringto-Smith, executou várias dansas escocesas, Miss Violet Etheringro-Smith, exibiu-se novamente em outras dansas, e finalmente, um gracioso grupo de gentis meninas pertencentes à nossa melhor sociedade dos Estoris e Cascais, apresentou-se em dansas e cantares regionais portugueses, recebendo todos os intérpretes do programa frenéticos aplausos, sendo sem dúvida alguma o último número o «clou» da festa.

Na assistência notavam-se além de grande número de famílias estrangeiras, que estão passando o inverno na Costa do Sol, as seguintes senhoras:

Lady Selby, Condessa de Vil'Alva, Condessa de Monte Real, Condessa de Murça, Condessa de Peniche, D. Maria Guedes de Lemos, D. Alda Guedes Pinto Machado e filhas, D. Alice Guedes de Herédia, D. Marta Pusich Pimenta Pereira Cabral, D. Bran:a de Sommer de Andrade, D. Clotilde de Melo e Faro Figueiredo, D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes, D. Maria José da Silva Carvalho Santos, D. Josefina Arbués Moreira, D. Maria Leonor de Sousa Madureira, D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, senhora do dr. Alexandre Cabedo, D. Irene de Sousa Loureiro, D. Elisa da Câmara Leme de Serpa e filhas, D. Felismina Canas Cardim, D. Tomásia Canas Ereira, D. Laura Canas de Aguiar, D. Alice de Sousa Melo e filha, D. Lucília Pereira Catarino e filha, D. Maria do Carmo da Silva Carvalho Santos Lima, D. Maria Amélia de Guimarães Carvalho, D Albertina Neto Afonso, D. Rosa Barroso de Matos Cid e filhas, D. Maria Alice Guedes de Herédia da Bandeira, D. Maria Helena Belmar da Costa Morais, D. Maria Craveiro Lopes Preto, D. Ilda Brandão, D. Maria da Conceição de Freitas Ribeiro Salgado, D. Maria Antónia Pimentel Sobral Cid Rebelo, D Eugénia e D. Sára da Costa Cardoso, D. Maria Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Maria José da Siva Carvalho Santos, D. Maria Inez Pessansa do Lago (Arcas), etc.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artistico e mundano.

Nas Belas Artes

Nas tardes de domingo e terça-feira gorda, realizaram-se no vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, à rua Barata Salgueiro, as tradicionais festas infantis de caridade, levadas a efeito por uma comissão de gentis meninas e rapazes pertencentes à nossa primeira sociedade da qual faziam parte Daise Cohen de Bettencourt, Isabel Lobo da Silveira Bleck, Isabel Maria Centeno de Lencastre Freitas, Margarida do Carmo da Câmara de Saldanha (Rio Maior), Maria da Conceição Lobo da Silveira Bleck, Maria Luiza Lobo da Silveira Mascarenhas Fiuza, Maria Muad Cohen Fevereiro, Maria da Piedade Lobo da Silveira Mascarenhas Fiuza, Sofia Patrício Lobo da Silveira Bleck, António Alberto de Heredia da Bandeira, António Gentil Guedes de Heredia, Carlos Cohen de Berttencout, Fernando de Mascarenhas Cassiano Neves, e Pedro Jaime Serpa Pinto de Lencastre Freitas, cujo produto se destinava a Favor de várias obras de beneficência.

Houve «chá dançante» que foi abrilhantado por duas eximias orquestras «jazz-band» e concurso de creanças mascaradas, em que foram disputados artísticos prémios.

Durante as tardes de domingo e terça-feira gorda, o vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, esteve sempre repleto de tudo que de melhor conta a nossa sociedade elegante.

Carnaval elegante

O carnaval de 1939, foi um pouco prejudicado com o falecimento de Sua Santidade o Papa Pio XI, contudo ainda mesmo assim houve algumas festas que marcaram pela animação e elegância, entre as quais figuram em primeiro lugar os bailes do Club Brasileiro, na noite de sábado gordo, em que foram inauguradas as salas da sua nova sede, à rua Victor Cordon, baile a que assistiram além do ilustre Embaixador do Brasil em Portugal sr. Dr. Artur Guimarães de Araujo Jorge, sua espôsa e filha, grande número de senhoras do corpo diplomático, da nossa primeira sociedade e da colónia brasileira em Lisboa, e na segunda-feira gorda, no Grémio Literário, o tradicional baile de carnaval, organizado pela direcção desta aristocrática agremiação, baile que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria: notando-se na assistência, tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, e no Casino Estoril, nas quatro noites de carnaval, mas sôbre tudo na de sábado e terça-feira, em que ali se reuniam tão grande número de pessoas, que com dificuldade se andava, tanto no salão do restaurante, como «hall» e salão de festas.

Em todas estas festas de carnaval brincou-se com entusiasmo, tendo-se prolongado a dança até de madrugada, sempre num crescente de animação e alegria.

Casamentos

Realizou-se na igreja de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Celeste César Nunes, filha da sr.ª D. Maria Bárbara César Nunes e do sr. João Nunes (já falecido), com o sr. Henrique Jorge de Sampaio Pereira de Sousa Machado, filho da sr.ª D. Matilde Parreiral da Silva e do sr. António Augusto de Oliveira Machado. Serviram de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Elisa de Sá e Vasconcelos e de padrinhos os srs. Avelino Vasquez Alvarez e o pai do noivo.

Aos noivos foi oferecido grande número de valiosas prendas.

— Em Cascais, celebrou-se na paroquial de Nossa Senhora da Assunção, o casamento da sr.ª D. Lídia Silva, interessante filha da sr.ª D. Ana Maria Rosa da Silva e do sr. Francisco José da Silva, já falecido, com o sr. Rogério Gomes Veloso, funcionário do Secretariado de Propaganda Nacional, filho da sr.ª D. Elvira Gomes Veloso e do capitão sr. Alfredo Veloso. Serviram de madrinhas a sr.ª D. Lucinda Silva de Abreu Nunes e a mãi do noivo e de padrinhos e sr. engenheiro Nunes e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência da mãi da noiva. Os noivos, a-quém fôram oferecidas grande número de artísticas prendas, seguiram para o norte, onde fôram passar a lua de mel.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Matilde de Vasconcelos e Sá (Albufeira) com o capitão da Administração Militar sr. António Manuel Bruno Machado. Os noivos com os padrinhos

FOOT-BALL
INTERNACIONAL

O DESAFIO PORTUGAL-SUIÇA

A' direita: Os nossos avançados carregam o guarda-redes suiço. *Ao centro:* As equipas suiça e portuguesa antes de iniciarem o jôgo, e um aspecto do Estádio José Manuel Soares. *Em baixo, à esquerda:* O árbitro rodeado pelos capitães das equipas e pelos fiscais de linha. *A' direita:* A jogada que deu origem ao primeiro ponto português

EM Maio de 1887 já o caso mudára; Pina, alegremente, anuncia:

"Neste momento em Portugal apenas se fala dos dois novos romances de Eça de Queiroz — *Os Maias* e *A Relíquia* — romances que em breve devem ser postos á venda, porque já se acham impressos e brochados os volumes». E, pois que assim o julga, reconciliado, entrega-se á celebração do escritor e do seu feitio:

"Para obter que um descritivo lhe dê a imagem exacta do individuo que êle observou através do cristal do seu monóculo — passa uma noute em claro, numa luta terrível com a frase, como sucedia com Flaubert, de quem êle é um tão brilhante continuador.

"Coube-me a honra de apresentar Eça de Queiroz a Emílio Zola, e de ouvir conversar por algumas horas os dois romancistas. Ao lado um do outro, é que eu pude compreender quanto é errada a opinião que corre, de que Queiroz é o Zola português; Queiroz é essencialmente um nervoso, e portanto muito mais Daudet que Zola».

Em que se fica: é Flaubert? é Zola? é Daudet? O bom Mariano esquece que Eça — é Eça simplesmente... E basta!

Mas continua:

"Completamente arruinada a sua constituição, possuindo nevroses até no estômago, eu creio que Queiroz teria morrido há muito, se não fôsse o romancista que é, se nêle o artista não fôsse mais forte que o homem. Uma noute, num hotel de Paris, torturado por nevralgias horrorosas que lhe corriam tôdo o corpo, fazendo-lhe ranger e estalar os ossos, julguei-o perdido. Um outro homem teria sucumbido inevitavelmente. Todos os remédios que o médico prescrevera fôram ineficazes; e a única cousa que o calmou, que lhe fez esquecer a doença, foi passar toda a noute falando, falando, falando literatura. Logo de manhã, muito cêdo, ei-lo á banca, trabalhando febrilmente na *Relíquia*, romance que ha de sair ao mesmo tempo que *Os Maias*; e quando entrei, para o acompanhar ao almôço, já êle tinha enegrecido várias dezenas de fôlhas de papel Whattman».

Já Eça não ficava mal, comparado com o Zola da rua de Boulogne!

Ouçamos ainda Pina, convertido:

"A literatura, para Eça de Queiroz, é uma necessidade, mesmo um remédio — para não se extinguir aquele organismo tão deteriorado.

"Mas não lhe peçam crónicas para jornais, críticas de belas-artes, críticas de teatro ou críticas literárias, porque nada disto o atrai, nada o interessa. Dizia-me êle: "As abelhas só sabem fazer mel, e eu só sei fazer romances!».

E agora, complacentemente acentua:

"Ora êste artista tão nervoso, que aproveita as suas crises para fazer obras primas, em nada se parece na maneira de escrever e de produzir com Emílio Zola, o artista-operário, trabalhando tôdas as manhãs o mesmo número de horas, produzindo tôdos os dias o mesmo número de fôlhas. Para Zola, a literatura é como uma fábrica, onde há um sino para anunciar aos operários o começo e o fim do trabalho. Fora das suas horas, tudo, menos romance!».

Até que, de facto, em Junho de 1887 saí á luz — *A Relíquia*.

E *Os Maias* — precisamente daí a um ano — em Junho de 1888.

Estavam ambos os romances impressos e brochados, como informára Pina — em maio de 1887? Duvido.

III

Que os dois romances haviam sido trabalhados juntos ou alternadamente desde 1884 até 1887, seria de supor. O próprio autor o confirma na sua carta a Luiz de Magalhães de 20 de Maio de 1886:

"Não lhe tinha querido escrever sem lhe mandar êsse prólogo, que, como o *Encoberto*, nunca chegava, nem com nóva, nem com sol. O Genelioux, porém, deve ser testemunha que eu tenho estado perfeitamente inundado de trabalho, já com *Maias*, já com *A Relíquia*».

Mas ambos impressos e brochados, prontos para a venda, desde Maio de 1887 — é o que não se acredita!

A Relíquia causou a mais extranha emoção no público que conhecia Eça de Queiroz: aquilo não era um romance realista! E a Crítica oficial emudecia...

N'*A Ilustração*, de 20 de Julho de 1887, Mariano Pina dedica-lhe um longo artigo, de seis macissas colunas, em que mistura o seu entusiasmo com reflexões desconcertantes:

"Se *A Relíquia* fôsse intencionalmente um romance, êsse livro, estaria condenado pelos princípios mais elementares da crítica, que quere que na obra de arte todos os efeitos sejam *convergentes*. Se *A Relíquia* fôsse um romance, nós ficaríamos hesitantes sem saber qual o *fim* do livro: se os efeitos *convergem* unicamente para o quadro histórico da paixão de Cristo — ou se convergem unicamente, como seria de todo o ponto racional, para a completa pintura deste tipo notável, dessa figura típica duma sociedade, e que no livro se chama Teodoro Raposo».

NOTAS SÔBRE EÇA DE QUEIROZ

De como escreveu "Os Maias" e "A Relíquia"

E logo atinge o ponto crucial da questão:

"Mas *A Relíquia* não passa duma fantasia, fora de todas as leis que a estética pode impôr ao romance; da descrição em forma de novela, da *descrição romantisada* duma viagem de Lisboa a Jerusalém — impressões de viagem, quadros de género da vida lisboeta, e evocações históricas.

"Impressões de viagem: tipos, marinhas e paisagens, o sr. Eça de Queiroz traça-os com mão de mestre, possuindo uma notável variedade de notas, desde o romantismo poético de Méry, desde o romantismo sensual de Gautier, até ás telas largamente *brossadas* á Zola, até aos finos e literários descritivos á Flaubert, á Taine e á Goncourt.

"Nos quadros de género da vida lisboeta o sr. Eça de Queiroz excede em graça, em pitoresco e em verdade, tudo quanto se pode ambicionar de mais completo...

E segue o elogio, avantajadamente:

"Neste ponto, qualquer dos personagens d'*A Relíquia* têm uma vida tão intensa e o sangue corre-lhes tão fácilmente nas veias, como qualquer dos personagens da *Recherche de l'absolu*, do *Albert Savarus*, do *Z. Marcas* ou do *Chef-d'oeuvre inconnu*».

Assim chega ao *clou* da obra, a visão de Teodoro, um capítulo de 152 páginas, que "— é um dos mais belos esforços de inteligência e de erudição que se conhece na língua portuguesa, não só pela riqueza, pela propriedade, pelo brilho do estilo, mas também pelo escrúpulo histórico e pela impressão de verdade flagrante que se evola de cada uma dessas páginas. Em pintura lembra Rembrandt, lembra o Cristo de Velasquez; lembra, pela exactidão histórica da *mise-en-scène* e dos costumes, os quadros de Alma Tadema. Em literatura, são páginas que, dum salto, se colocam ao lado das melhores de Renan, que escreveu a *Vie de Jesus*...

Mas o grande golpe contra Eça será vibrado por esta mão amiga:

"Abordemos francamente o defeito artístico d'*A Relíquia*, defeito que, felizmente, o autor pode corrigir numa segunda edição, com a mesma facilidade com que um escultor pode, no mármore, corrigir a deformidade dum músculo que o artista errou no gêsso. A questão do *eu* — o ser o livro a conversa na primeira pessoa dum personagem bastante medíocre e bastante ignorante, recebendo durante a sua viagem de Lisboa a Jerusalém impressões e sensações como só as recebe um espírito superior, e vendo aspectos e indivíduos através dum prisma como só pode possuir e manobrar um artista maravilhosamente dotado, como é o sr. Eça de Queiroz».

Touché! E em vão procurará atenuar:

"Mas todos estes defeitos de urdidura, e não de factura, que é sempre impecável e por vezes sublime, são uma questão de simples *retouche* numa segunda edição — numa dessas *segundas edições* com que o sr. Eça de Queiroz tanto se compraz em trabalhar, como se o artista considerasse a *primeira edição* como o *ensaio geral* dum livro, e a segunda edição a sua forma definitiva e inalterável».

A verdade, verdade de entre tudo o que tão laboriosamente escrevia Mariano Pina, poderia encerrar-se nestas suas simples palavras:

"É difícil encontrar um artista mais amante da Forma do que é o autor d'*A Relíquia*».

Volta! Desde *A Relíquia*, Eça deixará de ser pròpriamente um romancista; atingirá, porém, um poder de expressão verbal extraordinário, sem par na prosa portuguesa como o estilista. Não esqueçamos que *Os Maias* são uma obra, quer na sua ideação, quer na sua urdidura, anterior á factura d'*A Relíquia*, e só a sua execução formal definitiva será, em grande parte, senão na totalidade, do mesmo período.

A Relíquia é, pois, um livro de transição, com defeitos e qualidades dum renovamento.

O que pensava o próprio Eça de Queiroz?

Agradecendo a Luiz de Magalhães *la critique rayonnante* dum seu artigo n'*A Provincia*, assim discreteava:

"Eu por mim... não admiro pessoalmente a *Relíquia*. A estrutura e composição do livreco são muito defeituosas. Aquele mundo antigo está ali como um trambôlho, e só *antigo por fóra*, nas exterioridades, nas vestes e nos edifícios. É no fundo uma paráfrase tímida do Evangelho de S. João, com cenários e fatos de teatro; e falta-lhe ser atravessado por um sôpro naturalista de ironia forte, que daria unidade a todo o livro. D. Raposo, em logar de se deixar assombrar pela solenidade histórica, devia rir-se dos Judeus e troçar dos Rabbis. O único valor do livreco está no *realismo fantasista da Fuga*».

Tinha razão Eça de Queiroz, que sempre — pelo menos depois de haver *publicado* — exercia com fácil sagacidade a auto-crítica. Mas como fôra levado a enxertar na farça de D. Raposo a ampliação prodigiosa d'*A Morte de Jesus*, inserta, em esbôço, na *Revolução de Setembro* em Janeiro de 1870? Não é para aqui, quando só procuramos ordenar as condições gerais de factura e as circunstâncias especiais da aparição dos seus livros, discutir o assunto. Sòmente havemos de frisar que o processo, bom ou mau, veio a empregá-lo de novo, embora de modo diferente, n'*A Ilustre Casa Ramires*, verdadeira miscelânia de romance hodierno e de romance histórico, de que resultaria, aliás, tão formoso conjunto — porventura mesmo a sua obra capital.

Eça escrevia, de Bristol, a Luiz de Magalhães a 2 de julho de 1887. Mas — ai dêle! — dias antes, a 14 de Junho, escrevera a Ramalho Ortigão (que estivera há pouco em Inglaterra):

"Querem os Fados que esta primeira carta seja já a pedir-lhe serviços — serviços de amigo da Capital, em correrias por causa do amigo da província. Diz-me meu pai que se abriu, ou vai abrir, êsse famoso concurso da Academia, em que um conto de reis, substitui a nobre corôa de louros do tempo de Heródoto. Seguindo o exemplo dêsse mesmo Heródoto e de tudo quanto havia de *chic* na velha Grécia literária, eu pretendo entrar nesse concurso, com a *Relíquia*: não porque haja sequer a sombra fugitiva duma probabilidade mais magra do que eu, de que me seja dado o conto, entre o clamor das turbas e as palmas de Temístocles — mas porque desejo gozar a atitude da Academia diante de D. Raposo!... "Você entra com a *Holanda*? Se a *Holanda* está dentro do concurso, também o está, ob terra! a *História de Roma*. Mas no fundo, que importa? Não é para nenhum de nós êsse conto de fôlhas de ouro».

Pelo tom da carta indeterminam-se as verdadeiras intenções de Eça (que desde 1883 era sócio correspondente da Academia) ao concorrer ao prémio instituído pelo conde de Luiz.

Além da *Relíquia*, apresentaram-se *Os Amores de Jólla*, de Sousa Monteiro, e *O Duque de Viseu*, de Lopes de Mendonça. Foi êste último o premiado.

A 5 de Janeiro de 1888 já, n'*A Ilustração*, Mariano Pina lançava todo o seu desdém sôbre o juri:

"Num literário de *nove* membros, encontram-se apenas três escritores! — Pinheiro Chagas, Serpa Pimentel e Visconde de Benalcanfôr. A *maioria* do juri é, pois, formada de indiferentes, de pessoas respeitabilíssimas, que podem ser autoridades em muita coisa, menos em coisas literárias... Exemplo: O sr. Silveira da Mota é um *criminalista*. O sr. Jayme Moniz é um *professor de filosofia*. O sr. José Dias Ferreira é um *jurisconsulto*. O sr. Teixeira de Aragão é um *numismata*. O sr. José Silvestre Ribeiro é um *patriota da 1.º de Dezembro*. E o sr. João Bastos é um académico que eu não tenho a honra de conhecer, nem mesmo de nome...

Também o sr. João Bastos não conheceria, nem mesmo de nome, não só o sr. Mariano Pina, mas também o sr. Eça de Queiroz...

Mas — o que é curioso — é que o relator Pinheiro Chagas, para liquidar *A Relíquia*, apoára, precisamente, a sua argumentação nos reparos que o director d'*A Ilustração* fizera: — como era absurdo que Raposo compreendesse, quanto mais concebesse, o que há de grandioso e sublime na morte de Jesus, na fulgurante visão que ocupa 152 páginas dessa obra!

A 25 de Janeiro, Eça dirige uma carta a Mariano. Esta carta, destinada á publicidade n'*O Repórter*, dirigido por Oliveira Martins, chega a Lisboa no próprio dia em que Pinheiro Chagas é vítima dum atentado, e fica às portas da morte: só em Maio, já restabelecido Pinheiro Chagas, sái á luz.

Eça procura sustentar que puzera a sua candidatura ao prémio para se divertir, e procura ferir a Academia e Pinheiro Chagas, ironisando.

Mas confessa, aliás com exagêro:

"*A Relíquia* é certamente um livro mal feito. Ás suas proporções falta harmonia, elegância e solidez; certos personagens, apenas recortados e não modelados, oferecem uma notação uniforme e esfumada; a forma não tem suficiente fluidez e ductilidade, antes por vezes encaroça e empasta, e, por querer ser grave, parece hirta, como sucede aos grandes homens de província, etc., etc.... Mas êstes defeitos, que só podem ser sentidos por um gôsto muito afinado na perene convivência das coisas de Arte, nunca poderiam provocar a condenação dum livro numa Academia que não está povoada de artistas. Não penso nisto ser irreverente para com os meus esclarecidos colegas. Como disse o príncipe de Gales ao velho e glorioso alfaiate Pool, numa circunstância conhecida e fá clássica: — "Não se pode razoàvelmente esperar que num país todos os homens eminentes sejam alfaiates».

Ora o único alfaiate da decisão do júri era Pinheiro Chagas, o relator: era bem de ver que o resto do juri... desinteressara-se.

Mas agora é Eça ferido pela morte de seu irmão Alberto: e, só passado certo tempo, é que Pinheiro Chagas entende vir á liça. É vem furioso! Termina:

"Lamentamo-lo deveras, mas, qualquer que seja a muito sincera amizade que nos liga a Eça de Queiroz, a admiração profunda e entusiástica que o seu talento nos inspira, não podemos deixar de lavrar um protesto contra o insólito des-

vairamento da sua pena e do seu espírito».

E acentuara:

"Não sei se no largo artigo que acabo de escrever aparece alguma palavra que possa melindrar o meu estimado amigo Eça de Queiroz, cujo carácter respeito e cujo talento admiro. Se aparecer, tenha paciência, porque foi êle que as provocou cruel e injustamente. Correspondeu á sincera homenagem que prestei ao seu génio de escritor e às qualidades brilhantíssimas que resplandecem no livro, aliás defeituosíssimo, que enviou á Academia, com a adulteração mais completa do meu pensamento. Depois de ter feito de um personagem burlesco e imbecil o evocador absurdo do drama evangélico, trasformou a estranheza que êsse disparate me inspirara no desejo que me atribue de querer uma opereta pândega em vez dum grande drama histórico».

E como não havia agora, felizmente, doença nem luto que impedisse um rápido terçar de armas, o autor d'*A Relíquia* retorquiu sem demora. E em que diapasão, supõe-se...

Principia:

"Nada me poderia, neste vale de lágrimas, pezar tanto como a melancólica e enfadonha obrigação de replicar ao artigo *(Eça de Queiroz e a Academia)* em que o meu velho amigo Pinheiro Chagas recombateu, aqui mesmo, o bom combate pelo Júri, o Relatório, o Concurso e o Prémio!

"Só na verdade, por Pinheiro Chagas, cujos golpes são, como os de Roldão, uma honra que pede logo grande tropel e grande batalha — eu afrontaria o atroz e intenso tédio de remexer novamente no Júri, no Relatório, no Concurso e no Prémio, pulverulentas e defuntas coisas, que pertencem às trevas do Passado, tão legítimamente como os muros de Tróia, o clube dos *Camilos* e os poemas do poeta sem par que se chamou Gilbert de Pixerecourt».

E depois de, por largo espaço, amarfanhar a argumentação do seu contendor, termina:

"Mas faço-o, o céu me é testemunha, com infinito respeito e doçura — mostrando sempre que, quando Pinheiro Chagas me joga golpes que parecem traiçoeiros, quando atribue as minhas convicções de literatura a despeitos de pecúnia, quando me inventa pelas costas que eu quiz "amesquinhar o candidato laureado», quando declara que eu votei *por mim* nessa carta em que eu dei o meu voto *contra mim* — procede por impulso da sua leviandade, e não por cálculo da malícia. E, se eu procuro atirar pelos ares a estouvada pena de Pinheiro Chagas — é só, só, para mais livremente poder apertar a sua mão honrada e amiga».

Mas todo o interêsse dêste recontro se esvanecia, porque já nas montras das livrarias apareciam os dois volumes d'*Os Maias*, dignos de suscitar uma verdadeira batalha.

O fiel Pina logo procurava delimitar campo:

"Neste momento da nossa vida literária, *Os Maias*, como romance de renovação e revolução, satisfaz ou não satisfaz plenamente aos nossos princípios, aos nossos pontos de vista, ao nosso modernismo?... O autor mostra ou não mostra progresso? E' um artista caminhando para a perfeição — ou é um artista que parou? A sociedade, os indivíduos que êle põe em acção, são ou não são humanos, vivem ou não vivem nos respectivos meios?

"Eis — quanto a mim — a que se deve limitar a Crítica, e pôr de parte essas ambições de grande classificadora de obras e de artistas do seu tempo; porque assim como hoje se começa a fazer uma ideia exacta dos escritores do século XVIII — só no século XX se fará a verdadeira justiça a tôda a obra produzida em nossos dias».

E nota:

"Ora, ao que parece, *Os Maias* têm *defeitos*. Assim se tem dito em letra redonda. E o principal, o grosso, gordo e grande defeito — é ser um romance em dois volumes, com uma acção que se podia reduzir a 300 páginas em vez de 990, que tantas têm os dois tomos, e onde só véem quadros e mais quadros, onde raramente aparece o drama».

..."Outro defeito d'*Os Maias* — é o autor não vêr senão os mesmos tipos que já viu no *Primo Bazilio*, a sua galeria não ser variada, e o seu campo de observação limitadíssimo.

"Que ha de mais limitado em pintura do que o campo de observação de Corot? Peguem na maioria das telas deste grande pintor de génio, e vejam a que se reduz o campo de observação — sempre uns salgueiros, um pedaço de Sena e uma mancha humana. E neguem-me que o que êle deixou não sejam verdadeiras obras primas.

"E o campo de observação de Millet, do grande Millet? Não eram sempre os mesmos horisontes, o mesmo campo, e os camponeses que serviram de modêlo para o *Augelus*, não são por acaso os mesmos que figuram em quási todas as suas telas?... E deixou, por êsse facto, de ser um génio?

"Mas Murilo? Mas Rubens? Mas Teniers? Os mesmos modêlos servem para todos os quadros: as mesmas figuras que se vêem no museu de Madrid, vamos encontrá-las no *Louvre* em Paris, na *National Gallery* em Londres, nos museus de Bruxelas e de Amsterdam».

É necessário reconhecer que a êste moço de 28 anos não faltava sagacidade.

Para avaliar da celeuma causada pelos *Maias*, bastará dizer que no *Reporter*, dentro duma quinzena, se publicaram três artigos de vulto, subscritos por Carlos Lobo d'Ávila, Fialho d'Almeida e Moniz Barreto.

Carlos Lobo d'Ávila rompia assim o seu fogo:

"Só com a história trágica do desgraçado Pedro da Maia podia fazer-se um romance.

"Porque a singularidade dêste livro de Eça de Queiroz é que êle dava para uns poucos de livros, e áparte uma certa identidade n'alguns personagens, poderia truncar-se a obra, sem que aparentemente a obra ficasse incompleta. Como dalguns romances de Daudet — por exemplo daquele encantador *Fromont jeune et Risler aîné* — podem destacar-se d'*Os Maias* uns poucos de contos, de pequenas novelas, que, acumulados, dão o romance inteiro.

Este facto provém talvez da maneira porque esta obra foi feita. Ha muitos anos, desde os tempos esquecidos em que o *Diário de Portugal* anunciou a publicação dêste romance, que Eça de Queiroz trabalha nêle.»

Logo, em segunda rajada:

"Creio que a exagerada meticulosidade de Eça de Queiroz, o cuidado, quási diriamos a fúria insaciável, com que êle revê, modifica, emenda e recompõe os seus escritos, se revela uma nobre e superior alma de artista, é em certa maneira nociva para o resultado dos seus trabalhos. Aquela frescura incomparável que o estilo de Eça Queiroz tinha, por exemplo, nalguns artigos das *Farpas*, e na primeira edição do *Padre Amaro*, publicada na *Revista Ocidental*, empalidece um pouco nalgumas páginas dos *Maias* como as pétalas duma flôr, que tivesse secado entre as fôlhas dum livro. A seiva, o perfume, as tintas rosadas e viçosas evaporaram-se, perderam-se, sob a tortura do artista, que limou, poliu, cinzelou e torceu mil vezes as suas frases, sempre ansioso por uma fórmula mais perfeita, sempre descontente com a fórmula que encontrava».

Depois, ladeando:

"Decerto a fantasia de Eça de Queiroz encontra ainda muitas vezes no seu estilo original, vívido e cintilante, os mais seguros efeitos. A descrição de Sintra e das corridas de Belém, o quadro da Quinta de Santa Olávia, a grande cêna de amor entre Carlos da Maia e Maria, e muitos outros relances, como, por exemplo, um rápido quadro de Lisboa numa tarde de verão, são trechos admiráveis, em que a frase tem todo o brilho, todo o colorido, toda a graça imprevista e pessoal, dos melhores períodos de Eça de Queiroz. Mas no geral do livro, salvo o esfusiar, aqui e ali, daquelas girândolas de *humorismo*, que constituem uma das revelações mais prodigiosas do grande talento de Eça de Queiroz, a linguagem é um pouco artificiosa, um quási nada contrafeita, ou antes *tourmentée*, como dizem os franceses, sentindo-se demasiado o esfôrço, nem sempre feliz, do escritor.»

Finalmente o rebentar estrondeante da última granada:

"Não falaremos na construção afrancesada da frase, e no abuso do galicismo, levado às vezes a limites que chegam a arripiar»...

Seguiram-se Fialho e Moniz Barreto, que, mais comedido crítico, não deixou de inspirar-se em certa severidade.

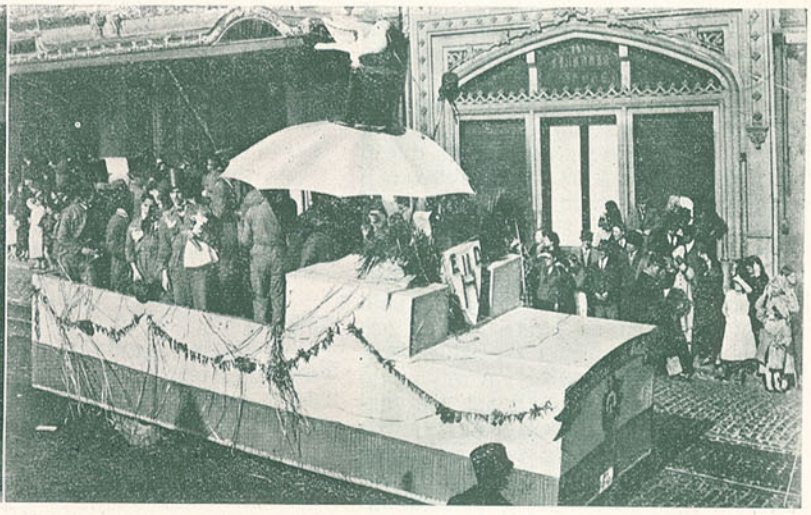
Eça era alvo, entre amigos, de alguma coisa que se parecia muito — com uma demolição!

Mas já Eça começa a publicar no *Reporter* — *A Correspondência de Fradique Mendes*, e não tarda que se lance, com um belo entusiasmo, nessa "coisa considerável» — como dizia a Oliveira Martins — que se chamará *Revista de Portugal*...

LOPES D'OLIVEIRA.

ECOS DO CARNAVAL

Um aspecto do cortejo carnavalesco em Tôrres Vedras em que tomaram parte milhares de pessoas, decorrendo os folguedos com grande animação. Tôrres Vedras não quere perder a sua tradição, dando, de ano para ano, novos encantos e atractivos aos seus festejos



Em cima, à esquerda: No Pôrto, o cortejo carnavalesco desfilando por entre a multidão. – *Ao centro, à esquerda:* Outro aspecto do desfile. – *À direita:* O carro dos pacifistas apenas decorado com um grande chapéu alto e um guarda-chuva. – *Em baixo:* Algumas crianças lisboetas mascaradas

A QUINZENA DESPORTIVA

A patinadora inglesa Megan Taylor que ganhou êste ano novamente o campeonato mundial feminino de patinagem artística

Não era nossa intenção incluir nestes comentários qualquer referência ao jôgo da equipa nacional de futebol com a da Suíça, sôbre o qual vinte dias passaram quando esta "Ilustração" vier a público. Acontece porém, que o resultado inesperado do encontro e o comportamento anómalo dos jogadores causaram na crítica tão fundas reacções e no meio desportivo tanta variedade de reprovação, que mudámos de propósito, pois a importância assumida pelo assunto excedeu os limites usuais dos simples acontecimentos de actualidade.

Os portugueses, talvez em reflexo do seu temperamento meridional, têm natural propensão para exagerar a gravidade dos factos e consideram fàcilmente uma catástrofe nacional o primeiro revez que, no campo desportivo, constitui afinal um precalço apenas desagradável ao qual, pelo mundo adiante, nenhum país tem escapado à sua vez.

Os 4-2 com que os suiços brindaram a desamparada equipa lusitana provocaram coro de imprecações, de recriminações, que em nossa memória recordaram o éco da indignação patrioteira de certos literatos quando voltámos de Madrid, há cinco anos, com nove bolas no passivo.

Afinal o caso, não vale tamanha aflição nem o brio do nosso futebol ou, reflexamente, do conceito português além fronteiras, sofreu nódoa porque o grupo representativo perdeu na sua terra um jôgo que contava ganhar.

É necessário, como aconselha em magistral artigo de "Os Sports" a autoridade técnica de Ricardo Ornelas, serenidade e confiança; o mal tem remédio e já vinha de trás, mas ninguém o quiz vêr enquanto não apareceram os sintomas objectivos. Não houve coragem para evitar, mas existe agora fundamentada autoridade para remediar.

O futebol português peca na sua representação pelo tradicionalismo e, em assuntos de escolha dos seus representantes, preguntamos tambem, como o fez "O Século", se o selecionador nacional dispõe em absoluto de liberdade de escolha, ou se pesam nas suas decisões a conveniência moral de satisfazer certas, chamêmos-lhe, "representações proporcionais".

Só assim se justifica que fossem incluidos no grupo jogadores em manifesto declínio físico, o qual no campo se evidenciou desde os primeiros minutos aos olhos de todos os espectadores, menos do único que tinha autoridade para valer ao desastre. Que a fadiga de Albino, por exemplo, não foi surpreza ocasional verificamo-lo pela opinião que nos foi dada por um dirigente federativo àcêrca da impressão assustadora recebida quanto ao estado do referido jogador, durante o treino a que assistira, três dias antes.

Por outro lado, as apreciações posteriores de certos críticos não conseguiram isentar-se de certas preferências sentimentais que maior confusão criaram no momento em que era indispensável, além da serenidade, o desassombro e a verdade; temos nestas condições de suspeita apreciação, o critério de determinado diário vespertino que proclamou Albino o melhor dos portugueses e a unanimidade da imprensa portuense afirmando em letra alta que Sousa e Carlos Pereira se haviam distinguido entre os companheiros. Imparcial e lealmente, nem uma nem outra coisa poderiam ser afirmadas.

A desastrosa e generalizada exibição dos lusitanos tem ainda uma explicação de ordem psicológica que, sem servir de atenuante ou desculpa; merece contudo ser levada em conta no juizo a formular.

Uma equipa de futebol é, estruturalmente, um organismo complexo cujo rendimento depende do trabalho celular dos seus elementos; a falha de alguns dêles reflecte-se na acção dos restantes. Comparando, e com argumentos de médico, diremos ser tal e qual uma pessoa a quem dói a cabeça e incham os pés porque o fígado funciona irregularmente.

No jôgo contra os suiços sucedeu assim; alguns dos selecionados falharam desde as primeiras evoluções, desorganizaram o conjunto e os companheiros, cujo estado de espírito antecipado era da mais absoluta confiança, desorientados pela falência das suas esperanças sossobraram na mesma vaga de desorientação.

O que passou nas Salesias foi, em nossa opinião, um acidente esporádico, possível por motivo de certos erros ou condescendencias que apontamos, mas ao qual negaremos valor determinante de fracasso para o futebol português enquanto futuras saídas não o confirmarem ou infirmarem.

Talvez venha a propósito recordar aos derrotistas que, em 1934, o onze nacional, uma semana depois de haver sido esmagado por nove bolas a zero, ia arrancando o empate ao mesmo adversário que o batera. O jôgo da bola é isto; e não façamos tragédia como o que não passa de dura lição a aproveitar.

■

Um jóvem aviador inglês, Alex Henshaw, acaba de levar a bom têrmo, em minúsculo avião de desporto, um vôo de velocidade no percurso Londres-Cabo-Londres que representa prodigiosa proesa desportiva para o seu autor, por quanto representa de vontade e resistência física: partiu da capital britânica num domingo pela manhã, demorou-se na cidade do Cabo 27 horas e 18 minutos, e estava de regresso em Londres na quinta-feira ao meio-dia!

Henshaw, que percorreu os 11.250 klm. que separam as duas cidades em 1 dia 15 horas e 30 minutos à ida, três minutos a mais na volta, deu prova de energia de aço e em ambos os vôos aterrou na meta completamente esgotado; as condições atmosféricas não lhe fôram favoráveis e ao concluir a viagem, o aviador trazia a cabeça, cara e mãos maculadas de sangue proveniente de choques contra as paredes da sua reduzida cabina, em virtude da agitação do aparelho provocada pelo vento tempestuoso.

Um vôo desta ordem, apezar de não poder considerar-se senão como um feito puramente desportivo para cujo êxito as virtudes do homem contribuem mais largamente do que as qualidades da máquina, permite no entanto apreciar os enormes progressos obtidos na conquista do espaço; graças ao desenvolvimento da aviação a terra parece cada vez mais pequena, o significado material da distância tende dia a dia a perder importância na vida da humanidade.

Em 1920, a equipagem Ryneveld-Braud, inaugurando o itinerário que a aviação britânica adoptou como clássico, gastou 44 dias para percorrer a distância que separa Lourdes da mais meridional das cidades africanas; sete anos mais tarde, Bentley reduzia a demora para 28 dias e no ano seguinte Mardoch cortava-lhe metade: 13 dias e meio. A luta pelo "record" prosseguiu e, em 1931, Kidston ganhava mais cinqüenta por cento do tempo, fazendo a viagem em 6 dias e 9 horas.

De então para cá os progressos acentuam-se ano a ano; em 1936 a famosa Amy Johnson fixava o mínimo em 3 dias 6 horas e 28 minutos, metade do tempo de Kidston, e agora Henshaw com um dia 15 horas e 30 minutos procede de igual modo em relação à proesa de sua gloriosa antecessora.

Note-se que os "records" de ida e volta, pelo que exigem de maior resistência física, têm sido muito menos atacados; em 1936, Amy Johnson regressou ao ponto de partida em 11 dias 4 horas e 31 minutos, tempo melhorado em 1937 por Brook para 10 dias 9 horas e 32 minutos, e no mesmo ano pela equipagem Clouston — miss Kirby Green para 5 dias 17 horas e 28 minutos.

Só, no seu aparelho, Henshaw baixou êste tempo para 4 dias 10 horas e 16 minutos.

■

O tennis de mesa foi a segunda modalidade do jôgo desportivo a designar o seu campeão para o ano de 1939.

Após porfiada luta, que até final se manteve indecisa com o Sporting Clube de Portugal e o Ateneu Comercial de Lisboa, foi uma colectividade modesta, o Matadouro Futebol Clube, quem alcançou o cubiçado título.

O "ping-pong", designação pitoresca que oficialmente foi preterida sem motivos ponderáveis pela de tennis de mesa, tomou em Lisboa enorme expansão, conquistando numerosos praticantes e também grande público entusiasta; o jôgo tem a vantagem de ser pouco dispendioso, praticável em qualquer sala de medianas dimensões e, sobretudo, adaptar-se aos recursos de tôda a gente, mesmo dos veteranos ou daqueles que nunca seguiram preparação desportiva.

A actividade oficial do tennis de mesa, secundada por freqüentes torneios particulares em tôdas as categorias, prossegue agora com os campeonatos individuais e competições femininas enquanto se não disputam os primeiros encontros inter-regionais, anunciados para breve.

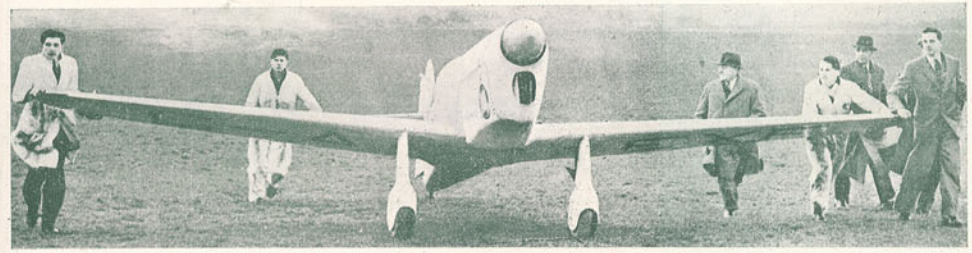
Ao progresso técnico da modalidade afigura-se-nos já insuficientes estas iniciativas, tanto mais que os jogadores lisboetas não encontrarão nos outros centros de prática adversários que os apoquentem. Porque se não empreende a vinda a Portugal duma equipa estrangeira, francesa por exemplo, cujos encontros com os nossos selecionados teriam assegurada uma assistência disposta a compensar as despezas que a organização acarretasse?

Já em tempos nos visitou um conjunto espanhol, e o êxito de então devia animar as entidades dirigentes a repetir a tentativa; julgamos que não teriam de que arrepender-se.

SALAZAR CARREIRA.

A classe feminina de ginástica educativa do Sporting Club de Portugal, cuja apresentação no sarau organizado pela Associação de Basket-ball de Lisboa marcou como facto notável de actividade da educação física lisboeta

Nas regiões americanas onde o sol brilha durante esta temporada para nós invernosa, os amadores do ar livre dão largas à sua satisfação e entregam-se a jogos e exercícios, como êste, que a fotografia deve mostrar mais arriscados do que na realidade são



Fechado neste minúsculo avião de desporto, o inglês Henshaw foi de Londres ao Cabo e voltou ao ponto de partida em menos de três dias e meio

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 33

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 24

(Totalidade — 16 pontos)

QUADRO DE MÉRITO

Rosa Negra e Siulno — 15. Cavaleiro Branco, Erbelo, M. A. P. M., D. Pericles, Mr. Moto, Felix Lobato, Aço, Bíscaro, Papa-Almudes, Meio-Kilo, Copofónico, Eusapesca, Alvarinho, Ti-Beado e Sevla — 13. D. Ceias, Homem-Sombra, Tito Livo, Mr. Dell, Oidimeotnip, Mi-cá, Detective, Coca-Bichinhos, Garido-Vieira, Tio San, Mr. Chan, Leuzinho, Arlequim, Arthemis, Limanel, Modesta, Lena, Milu, Ramou Lácrimas, Sol de Inverno e F. J. Courelas — 7. Mirna, Doris, Agásio, Larabastro e Cigano, — 5. Anjo das Serras e Tarata — 4. Aristofanes e Neptuno — 3

DECIFRAÇÕES

1 — Apilarado. 2 — Labrusco. 3 — Proa. 4 — En(con)trar. 5 — Parpotecar. 6 — Doar. 7 — Pepolim. 8 — Cornutos. 9 — Desdita. 10 — Azoque. 11 — Vi(u)va. 12 — Vi(ven)da. 13 — Cor(ve)ta. 14 — Pu(pi)la. 15 — Cor(ni)ja. 16 — A verdade é a mãi da felicidade.

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 3

HORIZONTAIS

1 — Graça; namorar; suspensão. 2 — Olhei; sucede; preposição e artigo; erguer. 3 — Reze; altar. 4 — Um; para. 5 — Oferece; mil. 6 — Progredir; uso quotidiano. 7 — Vogal nasal; luz. 8 — Insignificância; desabas. 9 — Está; a morte. 10 — Letra consoante; eia. 11 — Esfomeado; letra consoante. 12 — Mil; cair. 13 — Cifra; após; «mulher».

VERTICAIS

1 — Dono; ocasião; multidão. 2 — Sul. 3 — Poesia; aspecto. 4 — Graceja. 5 — Consoante labial. 6 — Igreja; nota musical. 7 — Acontece; estás. 8 — Letra consoante; artigo no plural. 9 — Cinco; sol no plural. 10 — Caminhava; beira. 11 — Letra grega; letra consoante; oferecer. 12 — Letra consoante; está. 13 — Lobriguei; embuçado. 14 — Cenotáfio; adaptar-se. 15 — Falatório. 16 — Declama; cantar.

Lisboa — *Ramon Lácrimas*

CORRIGENDA

No problema de palavras cruzadas n.º 2 em vez de: «24 — Expungir», deve ler-se: «24 — Expungiu».

PRÉMIO

Do nosso prezado colaborador Ramon Lácrimas recebemos um exemplar do *Dicionário de Adágios* de António Delicado para ser conferido ao autor do melhor enigma, no trimestre corrente. Os nossos agradecimentos.

TRABALHOS EM VERSO

CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

(Agradecimento e resposta ao ilustre confrade «Dr. Sicascar» (Desporto n.º 31)

1) Vou dar-vos, envergonhado,
Uma resposta infeliz,
Que um «mestre», quando é «tapado»,
Val menos que um aprendiz.

Da erudição à compita
Diz Figueiredo — e o Bandeira —
Que «porventura» e «perdita»
São a mesma frioleira.

Quanto à expressão: «por ventura»
Se ligação não tiver,
(Lá vai asneira à mistura...)
É *outra coisa:* difere; — 1

Tem vários significados
Que não devo transcrever,
Dos mestres supracitados,
Para o não *aborrecer* — 2

.....

Se nos falam em ventura
É acêrto responder:
Que é um bem que se procura
E que é raro *conhecer.*

Lisboa — *Sileno*

2) Ciclópica, a rugir na raiva audaz das feras,
assola a Tempestade o vale enorme. Agora
aplaca a fúria tôrva; e logo, sem demora,
derruba pelo pé colossos doutras eras!

O brado do trovão, fragor de mil crateras,
rjbomba pelo vale em caos, de fora a fora...
Ó Deus omnipotente: a Natureza chora,
e morre em maldição a Terra aonde imperas!

Possessa mole humana — anões entre a grandeza
dantesca da Tormenta — em frenesi intenso,
ulula em vão, de horror, sem tino e sem go-
[vêrno...

E nada — nem Razão nem Deus — vem *em de-*
[feza — 1
do vale em convulsão!...
Que panorama *denso:* — 2
O Mundo, a Humanidade, a Vida, a Hora — *O In-*
[ferno!

Lisboa — *Bixoknhoto*

3) Logo que cheguei *aqui* — 1
ouvi enorme berreiro
por falta de *bagalhoca,* — 2
por haver pouco *dinheiro.*

Luanda — *Ti-Beado*

CHARADA SINCOPADA

4) As mulher's *impacientes*
Andam sempre descontentes
Se lhe tardam namorados,
Mas se topam um a geito
Que seja esbelto, perfeito,
Não lhe faltarão *cuidados.* 3-2

Leiria — *Magnate (L. A. C.)*

TRABALHOS EM PROSA

CHARADAS ADITIVAS (Novíssimas)

(Ao confrade «Adeusinho», com simpatia)

5) Haverá sempre *dor, onde* houver um lar *amargurado.* 4-1.

Lisboa
Alguém (Lac. — T. E. — G. X.)

6) *Logo* que praticaste essa *acção* perdeste o direito de andar de *cara* levantada. 1-2.

Lisboa — *Erbelo (T. E. — G. X.)*

(Aos briosos componentes do G. X.)

7) Bonito *campo* é *sòmente* aquele que está *arrelvado.* 2-1.

Albarraque — *Morenita*

8) *Santo* Deus! Se sonho com a *bruxa,* agarro-me imediatamente ao *cabeçal.* 2-2.

Vila Serpa Pinto
Dr. Sicascar (T. E. — L. A. C.)

9) Amor *revela* a *alma* se o sente *claramente.* 4-2

Poço do Bispo — *Mirones (L. A. C.)*

(Ao Grupo «Os X»)

10) O *furor fanático dos romeiros de Meca,* fá-los andar à *roda* da *mesquita.* 2-1.

Lisboa — *Cavaleiro Branco*

SINCOPADAS

11) Todo o *casamenteiro* deve ser *homem honrado.* 3-2.

Luanda — *Ti-Beado*

(Ao D. Pericles, com os meus cumprimentos)

12) *Coisa feia?* por exemplo: provocar *bálbúrdia.* 3-2.

Lisboa — *Mr. Moto (G. X.)*

13) Pela sua boa postura é muito *estimado* o «*Sereno*». 3-2.

Lisboa — *Felix Lobato (G. X.)*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo,** redacção da *Ilustração,* Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

---

14) GEROGLIFO SIMPLES

(Enigma figurado)

Lisboa — *Aristofanes*

O PAPA DA BONDADE

Há figuras que passam na história apagadamente e o seu desaparecimento não comove, nem abala, senão aqueles que os estimavam, com amor de família, ou amizade.

Não foi assim a figura de Sua Santidade Pio XI, o Papa que acaba de deixar êste mundo, deixando uma memória saudosíssima para todos os católicos, e, de profundo respeito para os que o não são, e, até para os descrentes e indiferentes em matéria religiosa, que são sempre mais difíceis de impressionar.

Pio XI diplomata habilíssimo, inteligência superior duma piedade incomensurável; foi amado e é chorado pelos católicos praticantes, que não poderão esquecer Aquele que foi o Vigário de Cristo na terra e bem o seu representante, tendo a bondade a aureolar a sua figura veneranda, como aureola de santo em quadro de autor célebre.

A paz entre os povos era a constante preocupação do venerando ancião, que pai da Cristandade a amava e a desejava perfeita e feliz, como os pais desejam sempre ver os seus filhos, êsses entes que estremecem.

Mas Deus não lhe fez a vontade e o seu coração estremeceu vendo a guerra torturar a humanidade, e foi rudemente ferido ao ver, sangrando a Espanha filha querida da Igreja, e martirisados sacerdotes e religiosas.

O seu coração que se mantivera são num corpo robusto, que o alpinismo seu desporto favorito quando simples sacerdote e mesmo quando era Arcebispo de Milão, tinha desenvolvido e fortificado, dando-lhe êsse golpe de vista que necessita o alpinista, e, que era tão necessário ao Chefe de tão imensa família como é a da Cristandade.

A primeira vez que eu vi Sua Santidade impressionou-me a sua magestade e a sua fisionomia de inteligência arguta. Foi em 1922 durante uma prolongada estada em Roma, com o meu tio Arenas de Lima então conselheiro de legação, na nossa legação junto do Vaticano.

Foi essa primeira visão que conservo nitidamente estampada no meu cérebro, uma solenidade na Capela Sixtina para benção duma imagem de nossa Senhora do Loreto; para que fôra convidado o corpo diplomático.

O ambiente era impressionante para quem a arte entusiasma, essa linda capela onde fulgura e esmaga o génio de Miguel Angelo, capela tão diferente daquelas a que estava habituada, onde a magestade Divina se expande sôbre uma humanidade palpitante.

A história bibliça no teto apresentando-nos a primeira falta de Adão e Eva e no retábulo êsse julgamento final que o pincel do mestre dos mestres assinala, e nos faz estremecer.

No friso em volta Boticelli, o doce Boticelli, em quadros maravilhosos adoça a violência das geniais pinturas de Miguel Angelo. Quando começava a habituar-me a essa beleza impressionante, entra o cortejo papal. Sua Santidade transportado na «Sédia gestataria», com a sua capa de «asperges» e a tiara reluzente de pedrarias na cabeça era conduzido pelos criados de trajo de damasco vermelho e calção e meia de seda. Guardas nobres no seu deslumbrante uniforme de granadeiros rodeavam o préstito e formaram dum lado e doutro do altar.

Cardeais seguiam nas suas roçagantes sedas vermelhas, seguidos de caudatários e secretários, camareiros secretos, de capa e espada fechavam o deslumbrante cortejo, mas os meus olhos não se afastavam da face de Sua Santidade, figura hierática, imóvel apenas movendo a mão direita na benção que lançava aos assistentes, era a mascara enigmática duma figura acima dos homens, e, era a face de Aquele que nós Cristãos e Católicos, consideramos o representante de Deus na terra, Aquele a quem devemos o mais profundo respeito.

E terminada a ceremónia eu retinha na memória uma face e uma expressão que depois se modificou.

Antes da minha partida dessa Roma que seduz e encanta os que nela fazem uma estada prolongada, entre as saüdades da partida, eu relembro a audiência particular solicitada por meu tio e bondosamente concedida.

Vejo a seqüência dos salões particulares, cheios de personalidades de serviço e de fieis que esperam audiência, as salas atravessadas, com as suas obras de arte a sala do trono atravessada apenas e a espera na antecâmara da biblioteca, privada de Sua Santidade.

Monsenhor Pizzardo, hoje Cardeal veio buscar-nos para nos introduzir. Depois das três genuflexões e de ser beijado o anel de Sua Santidade olhei o seu rosto, e, que expressão diferente lhe encontrei, o mais paternal sorriso o iluminava, era o rosto do pai que recebe os seus filhos vindos de todos os cantos do mundo.

A gentileza com que fomos convidados a sentar-nos e a longa conversa que se seguiu ficaram-me no coração.

Com que inquieta ternura Sua Santidade inquiria de como iam as coisas em Portugal e que alegre sorriso ao dizer-lhe que começava a haver uma grande diferença na atitude da população e as igrejas a serem muito frequentadas.

Que ternura ao referir-se a sua família, companheiros no hotel onde residiamos e como a sua voz mostrava afecto ao falar dum sobrinho muito querido, que fizera a guerra e como descrevia as trincheiras que visitára. E á despedida como me senti protegida pelas três benções que carinhosamente me lançou, uma para mim, outra para a minha família e outra para os que me fossem queridos.

Como me enterneceu a oferta duma linda medalha que preciosamente conservo e que me acompanhará, espero, á sepultura.

E a imagem dêsse ancião vestido de branco, forte e saudável sentado á sua secretária de pelica branca e dourada, trabalho italiano dessa Itália para quem o seu coração batia dum tão dedicado amor; antepôz-se e vive mais forte na minha memória que a fisionomia fechada e hierática do Papa oficiando na capela Sixtina.

A simplicidade e o interesse das suas palavras ficaram-me gravadas no coração e eu senti que era o Papa de bondade, que iniciára o seu reinado na terra; que há um ano governava como chefe da Igreja.

E não me enganei, todos os seus actos o provaram, a sua política de bondade e diplomacia fizeram com que se assinasse a Concordata com o govêrno da Itália e a atitude de Sua Santidade fez com que a Igreja em vez de perder o seu prestígio muito o aumentasse.

E sempre o seu coração bateu pela humanidade e nunca a sua bondade representou fraqueza, pois levantou sempre a sua voz quando ela devia ser ouvida. No entanto a sua acção foi das mais sublimes, perseguições nem aquelas feitas aos inimigos da Igreja o satisfizeram; nem assim podia ser, tratando-se do representante de Cristo na terra, que perdoou aos seus perseguidores do alto da Cruz onde era torturado. Os leigos foram chamados para o seu lado na Acção Católica, a Juventude, querida e acarinhada por Sua Santidade teve o mais paternal acolhimento e gozou da sua predileção.

Foi o Papa de acção mas duma acção donde irradiava a bondade essa bondade que eleva o homem e que o torna um justo, a bondade inteligente a bondade consciente que ilumina as trevas e atrai os espíritos.

Pai da Cristandade êle chamava os seus filhos e sentia-se feliz quando os via acorrer e aceitar a sua direcção tão recta e justa, que impunha a mais completa submissão.

A sua robustez foi combatida não pelos anos, embora contasse bastantes, mas pelo seu caridoso amor ao próximo pelo seu paternal afecto aos cristãos. Afecto que o fez sofrer ao ver a Espanha devastada e que lhe arrancou as mais sublimes palavras ao ver êste outono ameaçada a paz da Europa.

O seu paternal cuidado foi tal, que ofereceu a Deus, numa alocução, que tôda a Cristandade ouviu, a sua vida pela paz no mundo.

E Deus ouviu as suas preces, chamou-o a si, e Deus permita que seja aceite o seu voto e que a paz reine no mundo, como o desejou aquele que pela felicidade humana oferecia a sua vida, o bater descompassado dum coração que os males da humanidade tinham profundamente atingido numa compaixão piedosa.

MARIA DE EÇA.

PÁGINAS FEMININAS

É sempre doloroso ver a mulher emiscuir-se nas questões violentas, nas revoluções e nas guerras, não é êsse o seu papel e sempre estará fora dele, mas o seu temperamento nervoso e excessivo leva a mulher a tornar-se notada nos períodos de agitação, e, leva-a também a exceder em crueldade o homem.

Na vizinha Espanha mais do que nunca se tem notado êsse terrível aspecto, do carácter feminino.

A mulher espanhola a do povo principalmente demonstrou que o seu carácter em tudo exaltado, pode tornar em fera, o ente que tem no mundo a missão da doçura e da suavidade, qualidades acima de tudo apreciáveis no sexo feminino.

Quando vejo agora fotografias da entrada das tropas de Franco nas cidades conquistadas, e, vejo os soldados rodeados de mulheres que os aclamam, penso sempre se essas mulheres, que se entusiasmam sempre com o victorioso, não serão as mesmas, que denunciavam aos vermelhos os conservadores e faziam convites ás suas amigas para irem ver o fuzilamento e a tortura de partidários de Franco e de religiosos.

Tôdos os que fôram perseguidos dizem o mesmo, as mulheres eram piores que os homens. É sempre lamentável, mas é sempre assim, quando foi da revolução francesa, as mulheres salientaram-se no ódio e na perseguição, pareciam verdadeiros demónios, e em todos os tempos assim será, primeiro por causa dos seus nervos e segundo pelo ódio mais violento na mulher do que no homem, e pela inveja que é mais forte na mulher que vê a mulher das classes mais abastadas, usar um luxo que ela deseja embora dele desdenhe, e, finja causar-lhe indignação.

Mas a mulher não compreende e não vê que quando sopra com fôrça o vento dos seus rancores sôbre o fogo ateado das paixões dos homens é ela sempre a queimada pelas suas labaredas.

A mulher, a família, as crianças são as vítimas das revoluções e das guerras civis. É doloroso o quadro das mulheres e crianças refugiadas em França quando da tomada da Catalunha. Os pés enterrados na neve, por caminhos que só quem já atravessou aquela região pode avaliar o esfôrço sobrehumano, que exigem para ser trilhados, tremendo de frio, martirisados pela fome, tiranisadas pelo terror, essas fugitivas inspiram-nos a maior compaixão e no entanto quantas delas não teriam instigado os homens a torturar irmãos do mesmo sangue, que elas consideravam inimigos, e não se teriam divertido a ver as contorsões dos moribundos, que o ódio ceifou?

Mas apesar de tudo são dignas do mais profundo dó, assim como os inocentes, que arrastam atraz de si, são elas as maiores vítimas da guerra civil em Espanha.

Claro está que há no país vizinho mulheres que não são megéras e que souberam e sabem sofrer com resignação e bondade, os martírios infligidos por uma guerra civil a um país, mulheres que sofrem com os excessos do ódio dos homens, mulheres que choram e pedem a Deus misericórdia, que salvam uns e outros e que não querem ver sofrer a humanidade, tenha ela a côr que tiver, essas são as verdadeiras mulheres da Espanha, aquelas que saberão curar e tratar as graves feridas duma pátria despedaçada, aquelas que saberão reconstruir a sociedade espanhola, e, educar os seus filhos no amor da paz, porque sabem quanto se sofre na guerra.

Há uma propaganda que nunca se fez e que é indispensável fazer-se é a propaganda da doçura junto da mulher de tôdos os países.

É necessário educar a mulher do povo como é preciso educar a mulher de tôdas as classes, para lhes fazer ver bem claro a umas e a outras, que a sua missão neste mundo não é atear ódios, mas sim extingui-los não é soprar paixões, mas sim apagá las tornando as impossíveis de se atear em altas labaredas, que tudo devoram e sobretudo convencê las, que as principais vítimas são elas e os filhos, porque quem é que sofre com a tortura de ver a casa destruida os móveis dispersos, os filhos sem abrigo? A mulher; porque é ela que tem mais amor ao lar, porque apezar de tôdas as teorias destruidoras, a mulher tem uncestral apego ao seu lar e aos seus filhos.

É preciso educar a mulher e fazer lhe compreender o que é bem e o que é mal e o que se não conseguir pela elevação de sentimentos, por espiritualisação cristã, tão necessária ao espírito feminino, que se faça demonstrando-lhe onde está o seu interesse e qual êle é, fazendo-lhe ver como ela sofre com o desencadeamento das loucuras masculinas, e, como deve ser ela acima de tudo a propagandista da paz, apagando com doçura os ódios e fazendo o possível para os extinguir no coração dos homens. A mulher tem de ser pacífica ainda que não seja senão por egoísmo e para evitar a ela e aos filhos o martírio das destruições.

Maria de Eça.

A MODA

Continua o triunfo do preto, na moda dos vestidos de noite e nos de «toilette» para a meia estação. Há tentativas dos costureiros para arrancar a mulher ao negro no vestuário, decreta-se a moda da côr «bordeaux», dos vermelhos, da côr de ferrugem e no fim a mulher volta sempre aos vestidos pretos, e, porque será essa tendência? Por falta de gôsto pela alegria da vida? Não, não é êsse o motivo, mas sim a convicção, a que a mulher moderna chegou, de que o preto seja em vestidos de noite, em «tailleurs» ou em casacos de abafo é sem dúvida o que melhor lhe fica, e, a torna mais elegante tendo também a vantagem de não se tornar tão conhecida uma «toilette», preta, como se torna uma de côr, e essa convicção com a certeza de que o preto é a côr que torna a mulher mais esbelta e graciosa, têm levado as senhoras a preferir a tôdas, essa côr que dantes se reservava para as horas amargas da dôr e do luto.

Mas se o preto é da maior distinção e torna mais leve a silhueta feminina, a verdade é que o ambiente das cidades, que é onde mais se nota essa predilecção, tem-se tornado muito mais sombrio, dando muitas vezes a impressão que tôdas estão de luto.

Apresentamos uma série de modelos em preto dum gôsto muito distinto e de alta elegância, modelos que não poderão deixar de tentar as senhoras que gostam de vestir bem.

Vestido em «Ojersamat» preto dum modernismo um tanto exótico mas de indiscutível elegância. O corpo é formado pelas mangas muito amplas e género kimono, que vêm pregar franzidos num «empriément» que forma o decote rente ao pescoço e que se alarga um pouco para os ombros, estas mangas dum talhe tão original são compridas e justas do cotovelo para baixo.

O pregar do corpo na saia é também da maior elegância e na frente forma uma como fivela de franzidos que caem graciosamente. E' um vestido para jantar e para receber em casa da mais alta elegância e distinção. Não tem nenhuma guarnição.

Também para jantar e recepção temos um outro modêlo da mais alta elegância em veludo preto. Dum corte muito simples é justo ao corpo e para bem marcar essa tendência fecha junto ao pescoço num franzido que uma gola direita aperta.

As mangas compridas são dêsse corte a que antigamente se chamava sultana e que alarga em baixo e aperta num punho, largos galões bordados a seda e oiro guarnecem estas mangas, que são a parte que mais se salienta neste vestido de tão grande e reconhecido «chic». Como guarnição um colar de pérolas.

Para chá um elegantíssimo vestido em setim preto. O corpo decotado em bico entra num «corselet» franzido graciosamente, o pano da frente é também franzido, como cinto uma tira do mesmo setim que ata num nó e cai em longas pontas á frente. Mangas simples e compridas única guarnição um broche de brilhantes. Chapéu em «georgette» dois tons de azul; género turbante.

Vestido de meia estação em «tweed» cinzento escuro guarnecido a lã branca dos Pirinéus, blusa colete em lã branca abotoada á frente, gola em veludo côr de rubi e bóina em feltro do mesmo tom que dão uma nota alegre a esta «toilette» sem essa nota, seria triste.

Nos chapéus nota-se a tendência para o guarnecido. Damos hoje um modêlo colhido num cortejo de casamento. Chapéu em «taffetas» branco guarnecido a rosas «vieux rose» e folhagem, e, também a plumas brancas e «vieux rose», uma fita em veludo preto aperta-o no queixo. E' usado com um vestido preto em «taffetas» e uma capa em pluma branca.

É agora não se pode dizer que não é feminina e muito, a moda dêste ano.

A MULHER NA AUSTRÁLIA

Segundo a opinião dum correspondente dum jornal italiano, a Austrália é o país ideal para as mulheres. São elas as senhoras de tudo.

Como há um século e meio os primeiros colonos eram uns indesejáveis, que assaltavam as mulheres que encontravam, ficou de pé a lei cavalheiresca, pela qual em tôdas as questões a mulher tem sempre razão. Basta o seu testemunho, o que resulta que há alguns abusos da parte das favorecidas.

Basta que na rua uma senhora se queixe dum homem, para que êste vá logo para a esquadra sem mais provas do que as afirmações dela. Quem manda na Austrália é a mulher.

Organizou uma vida independente e autoritária. Aos quinze anos começa a falar na chave da casa e em independência, para justificar êsses desejos, procura uma colocação. Os estudos na Austrália são uma brincadeira e um diploma consegue-se com tôda a facilidade, e as mulheres encontram sempre trabalho.

As duas profissões mais procuradas e consideradas elegantes são a de maçagista e enfermeira. Um ofício muito nobre e procurado é o de manequim, sobretudo para as «toilettes» que vão da Europa.

A filha dum magistrado é manequim e á noite preside a jantares oficiais elegantíssimos decotada e com um «chic» petulante... Não trabalham por desporto mas sim por dinheiro porque na Australia como em quási todos os países novos o dinheiro conta como a primeira coisa.

As raparigas quando ganham o bastante vivem sós, em pensões e vão passar os domingos e festas com a família. É segundo elas uma preparação para o casamento, porque elas querem casar e ali todas as mulheres casam porque ao contrário dos países da Europa, ali ha sete homens para cada mulher.

A mulher na Austrália é que impõe as suas condições ao marido e a rapariga ainda noiva exige dois dias da semana livres, de que não dará contas ao marido, para passar com a família, com as amigas ou como quizer.

Têm o seu «club» só de senhoras, e ali impera a mulher desde a presidente á porteira. Os australianos talvez para se defender das suas patrícias casam muito por anuncios que publicam nos jornais da Europa, mas não ganham muito com issso, porque a europeia ao chegar á Austrália adquire depressa os hábitos da australiana e torna-se tão independente e exigente como esta. Em vista das informações do jornalista italiano chegamos á conclusão que se a Austrália é o paraiso das mulheres, não é o dos homens.

A COSTURA

Na vida da mulher, a costura é uma prenda indispensável. Não se compreende uma mulher que não saiba coser. No entanto com a vida moderna agitada é tão diferente do que era a vida feminina ha alguns anos, a costura que antes era a primeira coisa que se ensinava a uma menina passou para um plano muito secundário. Mas ficou um pouco transtornada a vida nos lares, com essa mudança de hábitos e hoje em dia nós vemos que as coisas se têm modificado um pouco e a mulher regressa á costura que compreende ser-lhe indispensável.

Primeiro que tudo é preciso saber dar uma passagem como deve ser, pregar um remendo se se tornar necessário, mas saber fazê-lo com arte de forma a que a peça de roupa consertada, não fique grotesca e fora de uso.

Nestes simples cuidados com a roupa velha a mulher habilidosa e económica pode pôr um pouco de graça e assim evitar despesas inuteis e não dar o aspecto de trapos nos consertos. E é assim que a mulher ajuda o marido, mais eficazmente, do que quando sai de casa para ganhar ordenados que são esbanjados sem consciência pelas criadas, que sem vigilância dispõem da casa como sua gastando e estragando tudo sem dó nem piedade.

HIGIENE E BELEZA

Os olhos extraordinários que as estrêlas do cinema nos apresentam no «écran» fazem com que muitas senhoras façam verdadeiras imprudências para as imitar. Não devem nunca querer fazê-lo, porque muitas vezes êsses olhos são efeito de caracterisação, ou mesmo de fotografia.

Ha muitas senhoras que na ância de terem êsses olhos fazem aos seus as maiores barbaridades, usam otropina e outros ingredientes para dar brilho aos olhos coisas que prejudicam a vista, aplicam nas pestanas rimmel e outras drogas que acabam por inflamar os olhos e lá se vai a beleza dêles. O melhor é não bulir muito com os olhos tanto mais que a mulher portuguesa tem em geral bonitos olhos.

Quando muito banhar os olhos com água fervida com algumas gotas de sumo de limão ou com a seguinte loção que se deita na água morna Fris de Florença 2 gramas, sulfato de zinco 15 gramas, água de aciano 1/2 litro. Uma colher de chá num decilitro de água. Isto não ofende a vista que é sem dúvida a maior beleza dos olhos.

DE MULHER PARA MULHER

Morena: Tem razão de estar satisfeita de ser marena é a cor da moda. Mas não se preocupe com essa ideia das côres, há tanta côr que favorece as morenas e hoje com o uso do «rouje» já não ha côres que fiquem mal, isso era dantes para as morenas pálidas, mas faça o seu vestido num tom de «rounlile» ou vermelho escuro e verá como a favorece.

Alda: É muito gentil com as suas palavras amaveis. E' sem dúvida um dos mais elegantes desportos para uma senhora e ha em Lisboa excelentes professores de equitação a quem se pode dirigir. Eu prefiro ver uma senhora montar como amazona, mas é um detalhe que discutirá com o seu professor.

Graciosa: Tem muita razão em ter desgôsto de não saber bordar. Trate de aprender, que ainda está muito a tempo. Tôda a mulher tem obrigação de conhecer os trabalhos de lavores femininos, que tão úteis lhe podem ser para embelezar o seu lar. Faça o «tailleur» em azul escuro, são sempre bonitos êsses vestidos e com blusas de diferentes côres varia a «toilette».

PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 3, 2
Copas — 4, 3, 2
Ouros — A. 6, 5, 2
Paus — V. 9, 5, 4

Espadas — D. V. 10, 8	**N**	Espadas — 7
Copas — 10, 9, 8, 7, 6, 5	**O** **E**	Copas — R. V. Ouros — 10, 9, 8, 3
Ouros — R.		Paus — 10, 8, 7, 6, 3, 2
Paus — R. D.	**S**	

Espadas — A. R. 9, 6, 5, 4
Copas — A. D.
Ouros — D. V. 7, 4
Paus — A.

Sem trunfo. **O** sai por 10 *c.* e **S** faz 11 vasas.

(Solução do número anterior)

O joga R. *o.*, **N** — A. *o.*, **E** — 6 *o.*, **S** — 5 *o.*
N » 2 *o.*, **E** — 7 *o.*, **S** — 5 *c.*, **O** — 10 *o.*
S » A. *c.*, **O** — 9 *c.*, **N** — 2 *c.*, **E** — D. *c.*
S » A. *c.*, **O** — V. *c.*, **N** — 2 *c.*, **E** — 8 *c.*
S » 3 *c.*, **O** — D. *c.*, **N** — 3 *c.*, **E** — 8 *c.*
N » 3 *o.*, **E** — 8 *o.*, **S** — 6 *c.*, **O** — V. *o.*
S » R. *p.*, **O** — 10 *p.*, **N** — 2 *p.*, **E** — 6 *p.*
S » 5 *p.*, **O** — V. *p.*, **N** — A. *p.*, **E** — 7 *p.*
N » 3 *p.*, **E** — 8 *p.*, **S** — 7 *c.*, **O** — D. *p.*
S » 4 *c.*, **O** — R. *c.*, **N** — 4 *c.*, **E** — 9 *c.*
N » 4 *o.*, **E** — 9 *o.*, **S** — 8 *c.*, **O** — D. *o.*
S » 5 *c.* e **N** faz o V. *c.*

Justas reivindicações

As sogras dos Estados-Unidos resolveram, recentemente, constituir-se em associação. Depois de estudarem os vários interesses da «classe», reconheceram ser de maior urgencia combate à tradição que faz das sogras uma espécie de feras temiveis.

A associação dispõe-se a usar de tôda a sua influência para acabar de vez com as clássicas anecdotas a respeito de sogras, de que estas são vítimas.

Gagos célebres

Segundo a História, os gagos estão em boa companhia. Moisés, o grande profeta e legislador era gago e seu irmão Aarão, servira-lhe de intérprete.

Esopo, Virgílio e Demóstenes, todos gaguejavam um pouco e o último tem fama na história, de ser um dos mais primitivos exemplos duma cura completa.

Citam os textos como êle punha areia na bôca, para se obrigar a fazer um esfôrço maior e assim dar vigor aos seus órgãos vocais.

De cinco fazer quatro

(Problema)

Tiram-se os quatro cincos dum baralho qualquer de cartas e convida-se outra pessoa a dispô-los sôbre a mesa e virados para cima de fórma que apareçam quatro pintas em cada carta.

Como será?

Homens e cães

(Problema)

Um certo número de homens e de cães, contam ao todo 30 cabeças e 95 pés.

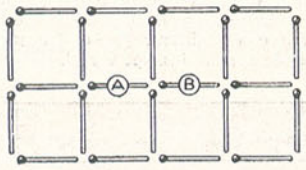
Queremos saber quais são as quantidades respectivas de homens e de cães, havendo a notar o facto de que um dos homens tinha perdido uma perna num desastre.

Nada menos do 25 pessoas perderam 166 libras, no mesmo dia, numa das principais ruas de Sydney, na Austrália, agora recentemente. Pelo menos foi êste o efeito que deu, quando apareceu um anúncio de que tinha sido encontrada, em *Georg Street*, uma maleta contendo notas no valor de 166 libras.

Na realidade, só uma pessoa é que as tinha perdido.

Quantos quadrados?

(Solução)



1 — São 11 os quadrados.
2 — Tirando os fósforos A e B, ficam quatro quadrados pequenos e três grandes.

Uma senhora inglêsa, mrs. Hames, de Bournemouth, quando tinha 90 anos, aprendeu a guiar um carro e tirou carta por dois anos. Agora já fez 100 anos e o seu grande desgosto é não poder guiar ainda.

A descendencia de Dickens

Entre os descendentes do célebre escritor inglês Charles Dickens, houve uma neta, Mary Angélica Dickens, que seguiu com o seu avô, a gloriosa carreira das letras. O que nada tem de extraordinário, é claro.

Ultimamente, porém, uma bisneta do referido escritor, miss Mónica Dickens — por sinal uma formosa rapariga — escreveu também um livro de cozinha e para o escrever com bastante conhecimento de causa e experiência prática, andou a servir como cozinheira em seis casas, consecutivamente.

Os nomes escondidos

(Solução)

Eduardo
Zulmira

Onde estão?

(Passatempo)

Esta pastorinha, género Watteau, está afflicta porque julga ter perdido uns poucos de carneirinhos do seu rebanho. Eles, porém, não andam longe, o caso é saber procurá-los.

Ajudem-na, coitadita!

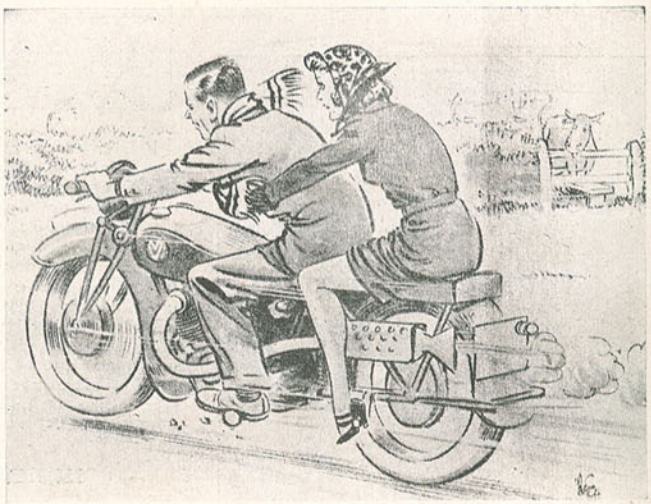
Órgãos vivos do corpo humano

O eminente director do Instituto Pasteur, dr. Luiz Martin, realizou, há pouco, uma viagem de estudo aos Estados-Unidos.

Teve ocasião de encontrar o doutor Carrel e de assistir às suas últimas experiências.

O doutor Carrel está estudando a «cultura» de órgãos conservados numa «sobrevida» artificial.

Assim, poder-se-á, de aqui em diante, fazer experiências de medicamentos novos, não nos próprios doentes que a isso se prestem, mas em estômagos ou corações que já nada tenham a recear das experiências



— Surpreende-me que penses isso de mim, Jorge. Então julgas-me capaz de dizer alguma cousa nas tuas costas?

(Do «The Humorist»

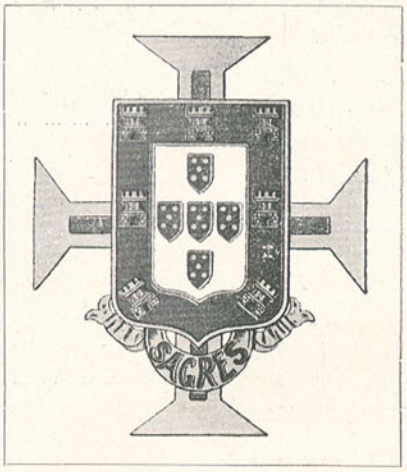
Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937
Esc. 19.983.462$61

Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM
A
SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937
Esc. 14.645.207$83

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM
A
SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edificio próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE

A HABITAÇÃO

POR **Fernando Perfeito de Magalhães**
Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10$00**
Pelo correio à cobrança **Esc. 11$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73-LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

AQUILINO RIBEIRO

MÓNICA

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., **Esc. 12$00**; enc., **Esc. 17$00**
Pelo correio, à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer:

DESPORTOS EDUCAÇÃO FÍSICA E ESTADO

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch..... **8$00**
Pelo correio à cobrança..... **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

A VERDADEIRA HISTÓRIA E VIDA DA

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)
1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA COSTA**

Apontamentos e notícias para a sua história — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia dourada — A Severa, cantadeira e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da «Severa» — Doença e morte — Vala comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, **Esc. 8$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 8$50**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ZIG-ZAG

O UNICO PAPEL DE FUMAR QUE NÃO AFECTA A GARGANTA

DOUBLE $60
Simples $30

Unicos importadores

CASA HAVANEZA—LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e de-pertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, atavia-do-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segrêdo de um berço
A vila das pombas
O calvário duma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal
Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler,** com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. . . . . 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . . 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . . 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. . . . . 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . . 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. . . . . 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol br. . . . . 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . . 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. . . . . 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. . . . . 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. . . . . 6$00
OUTROS TEMPOS (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol Enc. 17$50; br. . . . . 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. . . . . 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. . . . . 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. . . . . 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. . . . . 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. . . . . 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. . . . 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. . . . . 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. . . . . 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. . . . 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÔA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. . . . . 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. . . . . 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. . . . . 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. . . . . 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. . . . . 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. . . . . 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. . . . 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. . . . . 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. . . . . 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de JULIO VERNE distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol.

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões da Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido.

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Johann.* 1 vol.

60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

Cesar Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentor,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol.

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

80 — **A Aldeia Aéria,** trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.

81 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

82 — **A Agencia Thompson & C.ª,** 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

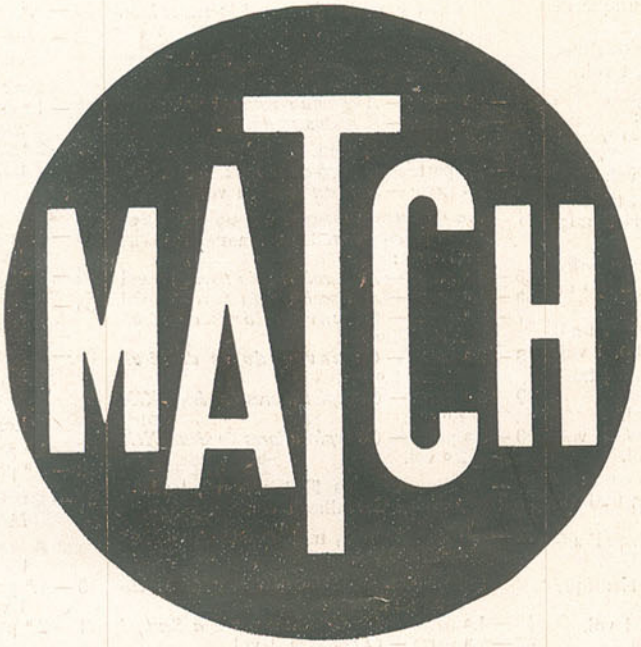
Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

O mais económico

O mais interessante magazine mundial

O DE MAIOR TIRAGEM

O de mais actualidade que se publica em Paris



FORMIDAVEL DOCUMENTÁRIO

dos mais palpitantes assuntos

48 págs. profusamente ilustradas, apenas

Esc. 2$60

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA